



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

TIAGO MOTA FERREIRA

**O EVANGELHO DE TOMÉ: um conhecimento
inspirador sobre o olhar das Ciências Das Religiões.**

**JOÃO PESSOA
2018**

TIAGO MOTA FERREIRA

**O EVANGELHO DE TOMÉ: um conhecimento inspirador
sobre o olhar das Ciências Das Religiões.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do
Curso de Ciências das Religiões da
Universidade Federal da Paraíba,
como requisito complementar para
obtenção do título de Bacharel em
Ciências das Religiões, sob
orientação da professora Dra. Maria
Lúcia Abaurre Gnerre.

João Pessoa
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383e Ferreira, Tiago Mota.

EVANGELHO DE TOMÉ: um conhecimento inspirador sobre o
olhar das Ciências Das Religiões. / Tiago Mota
Ferreira. – João Pessoa, 2018.

50 "f. : il.

Orientação: Maria Lucia Abaurre Gnerre.
Monografia (Graduação) – UFPB/CE.

1. Evangelho de Tomé, Cristianismo, Gnosticismo. I.
Gnerre, Maria Lucia Abaurre. II. Título.

UFPB/BC

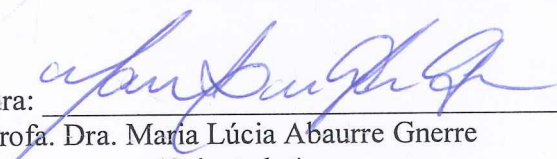
TIAGO MOTA FERREIRA

**O EVANGELHO DE TOMÉ: um conhecimento inspirador
sobre o olhar das Ciências Das Religiões.**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

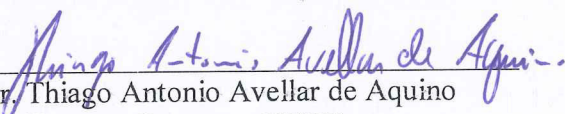
Assinatura: _____


Prof.ª. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre
(Orientador)

Assinatura: _____

Prof. Ms. Nestor Pinto de Figueiredo Junior
(Examinador Externo à Instituição - UFPB)

Assinatura: _____


Prof. Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino
(Docente Interno – UFPB)

João Pessoa, 5 de junho de 2018.

Dedico ao Eterno, YHVH,
À minha mãe, minha namorada e todos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Uma pessoa não pode passar pela vida sem fazer alguma coisa de útil sem precisar da ajuda das pessoas. E em minha vida, agradeço primeiramente a Deus, que me fez capaz para hoje eu poder estar aqui; agradeço aos meus amigos que foram muitos e não irei citar nomes para não ser injusto; aos meus professores, que estiveram comigo nesta grande jornada e sempre me apoiaram; aos motoristas de ônibus, pois contribuíram e muito, me ajudando bastante. Quero também agradecer a todos os irmãos de curso, pois não tenho colegas de curso mais sim irmãos, que sempre estiveram prontos a me ajudar. E por fim, mais não menos importante, a minha grande incentivadora e torcedora minha mãe que me ajudou bastante nessa jornada. Sem cada uma dessas pessoas não seria quem sou.

“Há um mundo invisível aí, e nós
vivemos nele.”

Bill Viola

RESUMO

Nosso trabalho visa estudar o Evangelho de Tomé, que faz parte da Biblioteca Copta de Nag Hammadi, para trazer algumas das razões desse texto não ter entrado no cânone bíblico. O nosso trabalho será desenvolvido a partir da pesquisa teórica sob o método hipotético-dedutivo, em razão da investigação científica se propor a apresentar uma possível solução para o problema delineado, a partir do levantamento bibliográfico feito no decorrer do projeto. Portanto, a metodologia do trabalho será desenvolvida na modalidade histórico-descritiva num primeiro momento, para posteriormente empreendermos uma comparação e análise do nosso objeto de pesquisa, proporcionando um esclarecimento não apenas para comunidade científica, mas para todos aqueles que desejam estudar o cristianismo, uma vez que os textos encontrados em Nag Hammadi trazem uma visão importante para a compreensão da história do cristianismo, especialmente o Evangelho de Tomé.

Palavras-chave: Evangelho de Tomé, Cristianismo, Gnosticismo.

ABSTRACT

Our work aims to study the Gospel of Tomé, which is part of the Coptic Library of Nag Hammadi, to bring some of the reasons why this text did not enter the biblical canon. Our work will be developed from the theoretical research under the hypothetical-deductive method, because the scientific research proposes to present a possible solution to the problem outlined, based on the bibliographic evolution done during the project. Therefore, the methodology of the work will be developed in the historical-descriptive modality at first, for later we will undertake a comparison and analysis of our research object, providing a clarification not only for scientific community, but for all those who wish to study Christianity, a since the texts found in Nag Hammadi provide an important insight into the history of Christianity, especially the Gospel of Thomas.

Keywords: Gospel of Thomas, Christianity, Gnosticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO: O Evangelho de Tomé e a formação do cânone bíblico	17
1.1 O Evangelho de Tomé	17
1.2 O processo histórico da formação do Cânon.....	20
2. CAPÍTULO: Semelhanças entre o evangelho de Tomé e os Sinóticos.....	28
2.1 As semelhanças entre Tomé e os Sinóticos	30
2.2 As diferenças entre Tomé e os sinóticos	33
3. CAPÍTULO: A atitude teológica dos textos ou como Deus é retratado por cada um desses evangelhos	38
3.1 A atitude cristológica dos textos ou como Jesus Cristo é retratado por cada um desses evangelhos.....	41
3.2 A soteriologia dos textos ou como a doutrina da salvação do homem aparece nesses evangelhos	43
CONCLUSÃO	46
APÊNDICE	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Ao participarmos da disciplina Leituras de Textos Sagrados da Tradição Oriental, ministrada como parte das disciplinas obrigatórias para o bacharelado em Ciências das religiões, deparamo-nos com as descobertas relativamente recentes de manuscritos do oriente médio, em grande parte da tradição cristã. A partir daí pensamos em ter uma visão de maior abrangência sobre estes textos encontrados próximos à cidade de Nag Hammadi, no alto Egito, uma vez que, até então, não tínhamos clareza acerca desse material. No entanto, logo percebemos que esse achado poderia ser de grande valia para uma pesquisa acadêmica, sobretudo pelo potencial das informações contidas nele.

Tal percepção veio durante a preparação de um seminário sobre estes manuscritos. A suspeita inicial se fortaleceu, em especial a ideia de desenvolver a pesquisa fundamentada num deles, isto é, o Evangelho de Tomé, o qual apresenta uma versão da história do cristianismo inicial, que foi rejeitada durante a formação do cânone bíblico a partir do segundo século de nossa era. O texto em si traz os ditos atribuídos a Jesus, os quais guardam semelhanças com os que aparecem nos evangelhos canônicos.

Após a apresentação do seminário, continuamos com as pesquisas e logo vimos que aquelas sentenças do Evangelho de Tomé tinham muito a ser investigadas. No entanto, percebemos em especial que havia algumas familiaridades com os outros evangelhos encontrados na Bíblia. Isto intrigou-nos, pois como poderiam ter tantas semelhanças com os sinóticos e não ter sido incluídos no cânone? Essa pergunta me motivou a investigar as possíveis razões para essa exclusão. O que teria havido durante o processo que culminou na seleção de apenas quatro evangelhos, porém sem a inclusão de um quinto que continha textos muito semelhantes, praticamente trazendo as mesmas coisas?

Em 1945 foi encontrada, no Alto Egito por pastores beduínos, uma coleção de textos que logo despertaria interesse a comunidade acadêmica. Isto trouxe à tona um conjunto de 12 códices e um 13.º com algumas páginas, num total de 52 tratados. Destes, o que mais despertou interesse, constituindo-se objeto de pesquisa para muitos estudiosos que veremos aqui. Trata-se do Evangelho de Tomé. O texto contém ditos sapienciais atribuídos a Jesus, e faz parte da Biblioteca Copta de Nag Hammadi, ao lado de outras coleções de textos datados em sua maioria do século II em diante.

Através de suas sentenças, num total de 114, com o passar do tempo, vem recebendo cada vez mais estudos específicos que procuram esclarecer ou até mesmo acrescentar novos capítulos na história do primeiro cristianismo e de seu principal protagonista: o Jesus histórico, uma vez que o Evangelho de Tomé pode ir além daquilo que conhecemos em relação aos sinóticos, constituindo-se em importante fonte de pesquisa dentro da tradição cristã. Nesse sentido, o Evangelho de Tomé pode fornecer uma nova perspectiva para um cristianismo diferente do que estamos acostumados a perceber.

A literatura dos livros chamados de “apócrifos” vem trazer algumas respostas para as lacunas existentes em alguns destes aspectos deixados de lado pela própria tradição cristã dominante na história de sua formação. Não podemos ignorar tais evidências que chegam até nós com os textos extracanonicos, dada a sua importância para o meio acadêmico. Esses textos, e principalmente o Evangelho de Tomé, relatam um Jesus histórico que por muitos já foram feitas grandes pesquisas, mas a partir desse texto de Tomé nosso trabalho pode contribuir um pouco mais nesse sentido.

Jesus, como retrata os sinóticos, é a figura do redentor, libertador de um povo. Ele vem para tirar todos de um jugo romano. Já os textos encontrados na Biblioteca Copta de Nag Hammadi, não estão muito preocupados com essa figura heroica e sim comprometidos em mostrar o Jesus histórico de modo que possamos entender toda uma contextualização daquela época. O Jesus de Tomé é uma figura bastante misteriosa e de uma sabedoria pouco vista em seu tempo, por isto o Evangelho de Tomé vem remontar esta sabedoria, mostrando o outro lado dessa figura histórica, um lado que trazia conforto a um determinado grupo ou comunidade.

Tal quebra-cabeça que Nag Hammadi nos traz é esplêndido de modo a ficamos estarrecidos com essa descoberta. Fatos como estes nos motiva a pesquisar e nos aprofundar na história inacabada do cristianismo. Mergulhar nesse universo é fascinante, pois traz para mais perto a construção do cânone, a fim de termos um olhar crítico sobre a história e não apenas algo dogmático acerca de temas “inquestionáveis” ou “intocáveis”.

O que buscamos com o nosso trabalho é identificar uma parte da história esquecida, que agora temos acesso a este material para confrontar com o que entendemos como verdade absoluta. Os textos encontrados em Nag Hammadi podem ter para nós o mesmo impacto que um dia tiveram para a igreja católica as noventa e cinco teses de Martin Lutero, através das quais se consolida o cisma com a então já consolidada igreja católica romana. Além disso,

mostra um lado da história que até então não conhecíamos. Este evangelho tem o potencial de abrir espaço para uma nova visão de cristianismo.

Do ponto de vista de sua estrutura, o que tem fundamental importância para nosso trabalho, o Evangelho de Tomé apresenta similaridades textuais com os sinóticos, mas também diferenças. Faz-se necessária uma compreensão melhor dos aspectos distintos para chegarmos a um entendimento mais próximo dos motivos que levaram à rejeição desse texto pelos pais da igreja durante a formação do cânone bíblico. Mergulhar nesse campo de semelhanças e diferenças se faz necessário para procurarmos nesses conjuntos algumas respostas.

Nestor Figueiredo, cientista da religião pela Universidade Federal da Paraíba, em seu artigo “O Evangelho de Tomé, seu contexto de emergência e o paradigma hermenêutico (2017, p. 4), recuperando uma citação de Cirilo de Jerusalém, um desses pais da igreja, feita em suas *Catequeses* (RAMOS, 2002, p. 66), informa: “os maniqueus escreveram um evangelho ‘segundo Tomé’ que, colorindo com aroma de denominação evangélica, corrompe as almas dos mais simples. Nunca leias o evangelho ‘segundo Tomé’, pois não é de um dos doze apóstolos”.

Para alguns, esse evangelho é visto como apenas místico, algo direcionado a uma comunidade específica de pessoas. Um tipo de misticismo do primeiro século. Anderson Oliveira Lima, doutorando e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, em seu artigo sobre “O misticismo do Evangelho de Tomé” (2012, p.1), ao tratar desse texto, afirma que ele retrata o cristianismo a partir de uma perspectiva mística nos primeiros séculos, trazendo à tona uma visão dessa religião que ainda hoje é desconhecido por boa parte dos seus fiéis. Jesus observado dessa maneira pode causar um impacto um tanto estranho.

Isto se deve, pelo menos em parte, por estamos acostumados com uma figura messiânica. Porém, o Evangelho de Tomé com suas 114 sentenças, vai na contramão dos evangelhos canônicos que pouco retratam a figura de rabino, enquanto em Tomé temos mais ênfase neste aspecto do homem Jesus. Assim, investigar as palavras “ditas por Jesus” neste evangelho poderá indicar que não existia apenas a figura de um salvador, mas também a figura histórica de um grande rabino que através das palavras sugeria uma transformação do ser humano, o que o texto em questão deixa isto bem claro em seus ditos. Esse viés histórico-

descritivo e analítico do que representa este evangelho para as comunidades cristãs¹, integra metodologicamente nosso trabalho.

Em relação ao suposto autor desse evangelho, Tomé, por muitos conhecido apenas como aquele que duvidou da ressurreição de Jesus. A história oficial da igreja o retratou muitas vezes como um mero incrédulo, criando o estigma do apóstolo incrédulo que andou com Jesus, mas que não passaria de mero espectador. Mas até que ponto uma pessoa que andou tão próxima de Jesus, vendo tudo o que se realizava pode ser reduzido apenas a um homem incrédulo? Tal visão reducionista da figura de Tomé, no mínimo é questionável, sobretudo em função das descobertas de Nag Hammadi que disponibilizam pela primeira vez o acesso completo ao seu evangelho.

Nesse sentido, nosso trabalho ganha mais um motivo para existir, uma vez traz um outro olhar sobre Tomé, viabilizando argumentos que demonstrem o contrário dessa negativa figura de incrédulo. Desta forma, a investigação do presente Evangelho se justifica cientificamente no campo das Ciências das Religiões por trazer estes elementos já indicados, numa formidável visão que possibilite remontarmos uma pequena parte dos primeiros séculos da história do cristianismo, especialmente no que diz respeito às razões para a rejeição desse evangelho na formação do cânone bíblico.

A partir de alguns importantes referenciais teóricos em português, alguns dos quais já foram aqui apontados, nortearemos nosso caminho investigativo no âmbito de um TCC. Nesse sentido, destacamos a tradução do Evangelho de Tomé feita por Bentley Layton, que utilizaremos para o texto fonte de nossa pesquisa. Trata-se de uma edição crítica, talvez a melhor disponível em língua portuguesa², possibilitando uma visão mais aproximada tanto da língua copta quanto da grega, uma vez que existem fragmentos desse evangelho nesse idioma. Dessa forma, tentaremos estabelecer aquilo que o texto tem de semelhante aos evangelhos canônicos, mas também, e principalmente, o que possui de diferente.

Tornar nítida essa fronteira será de fundamental importância para encontrarmos nossas respostas, uma vez que a descoberta desses textos extracanônicos vem revelar um cristianismo por muito tempo esquecido ou ocultado por uma ortodoxia hegemônica. A descoberta desse evangelho, contudo, abriu espaço para possíveis reconstruções de um

¹ Na Finlândia, existe o culto ao apóstolo Tomé. Ana Isa dos Reis, em sua dissertação de Mestrado Profissionalizante para obtenção do grau de Mestre em Teologia, nos informa que o *culto de Tomé* “é uma tradução do finlandês *Toumassessu* e do norueguês *Thomas Messe*. O culto de Tomé é uma forma alternativa de culto que tem como público – alvo pessoas que frequentam a igreja, mas também as pessoas descrentes, céticas e de diferentes confessionalidades cristãs que vivem no meio urbano” (REIS, 2006 p.10).

² LAYTON, Bentley. *As escrituras gnósticas*. São Paulo: Loyola, 2010.

tempo que pensávamos ter entendido e interpretado a partir do olhar da literatura cristã até então disponível.

Por isso, a investigação desses textos, em especial desse evangelho, é importante para compreensão de um período da história em que existia uma simultaneidade de tradições helenistas, egípcias e gnósticas, por exemplo. Diante dessa variedade de tradições e textos, como se poderia atestar a veracidade de apenas quatro evangelhos? Esta questão foi o que nos causou uma inquietação para procuramos entender os critérios usados para a formação do cânone bíblico, “uma verdade” tida por alguns como absoluta. Mas enquanto cientistas das religiões, não há barreiras sobre as questões que podemos e devemos investigar dentro da história do cristianismo.

A investigação terá o compromisso com essas questões de cunho histórico, em que tentaremos responder às questões até aqui formuladas, propondo um olhar crítico sobre o dogmatismo da igreja estabelecida em relação aos evangelhos canônicos. Além disso, uma investigação, que é produzida na forma de um TCC no âmbito da academia, também poderá ser acessível para os cristãos que desejem estabelecer um novo olhar sobre essa problemática. Tal preocupação levou a pergunta-guia de nosso trabalho: como podemos problematizar as interpretações correntes ou hegemônicas do cristianismo do primeiro século através de uma leitura crítica do texto extracanônico de Tomé?

O objetivo primário de nosso trabalho é buscar as razões por que o Evangelho de Tomé não entrou no cânone bíblico. Isto porque o texto de Tomé é igual aos sinóticos em cerca de 30% e com muitas semelhanças em cerca de 50% (CROSSAN, 2004). De modo que, qual ou quais os motivos para que ele não esteja no cânone consagrado pela igreja? Diante dessa questão, pretendemos fazer um levantamento de textos que nos tragam respostas nessa direção.

Assim, buscar na história da formação do cânone esses fatos é de suma importância para que possamos entender como aconteceu tal processo. Investigar se houve interferências políticas ao longo dessa trajetória histórica, por exemplo. Além disso, que estaria sendo beneficiado com essa exclusão e por quê? Mas para alcançarmos tal objetivo, faz-se necessário alguns importantes passos na concretização de nosso trabalho. Primeiramente, apresentaremos no capítulo inicial o contexto histórico em que surge o Evangelho de Tomé, juntamente com o processo de formação do cânone bíblico a partir do século II; em seguida, a partir de um estudo comparativo, traremos as principais semelhanças e diferenças temático-textual e também teológica entre este evangelho e os sinóticos; finalmente, no último

capítulo, analisaremos o que aproxima e o que distancia estes textos da tradição cristã, para apontar as razões mais prováveis de sua exclusão do cânone.

Metodologicamente, o trabalho será desenvolvido a partir da pesquisa teórica hipotético-dedutiva, em razão da investigação científica se propor a apresentar uma possível solução para o problema delineado, a partir do levantamento bibliográfico feito no decorrer da investigação. Portanto, será pesquisa desenvolvida na modalidade histórico-descritiva num primeiro momento, para posteriormente empreendermos uma comparação e análise do nosso objeto de pesquisa.

Desse modo, a partir do levantamento das fontes bibliográficas, faremos uma seleção de textos concernentes ao estudo com o objetivo de sedimentarmos nosso aporte teórico e isolarmos trechos do Evangelho de Tomé e dos sinóticos para deles derivarmos algumas respostas que buscamos na presente investigação. Nesse sentido, destacamos a importância da revisão da literatura para a construção de um quadro descritivo do recorte que pretendemos investigar, além do caráter dialético e dialogal entre as fontes bibliográficas que embasará a pesquisa. Esquemáticamente, podemos apresentar nosso quadro metodológico como se segue:

a) Histórico-descritivo, uma vez que serão resgatadas as etapas da construção do cânone bíblico e também a discussão em torno do Evangelho de Tomé, por meio da revisão literária e levantamento de fontes;

b) Comparativo a partir do confronto entre uma seleção de textos dos evangelhos sinóticos e de sentenças do Evangelho de Tomé mais significativa para o nosso trabalho, em busca de indícios textuais que respondam parte dos questionamentos feitos na pesquisa;

c) Interpretativo, com base no levantamento histórico e comparativo feito nas etapas anteriores. A partir da análise do conjunto desse material, pretendemos apontar para os motivos que poderiam ter afastado o Evangelho de Tomé do cânone bíblico.

É importante salientar que, neste trabalho, embora os significados da palavra religião sejam vários, uma vez que não existe um contexto onde possamos afirmar religião “é isto”, seguiremos um determinado entendimento da compreensão daquilo que seja religião. Segundo Gerd Theissen, em seu livro *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo* (2009, p.13), “religião é um sistema cultural de sinais que promete o proveito da vida mediante a correspondência a uma realidade última”.

Por muitas vezes, temos em mãos a Bíblia, mas não sabemos ou temos a mínima ideia de como se deu a sua formação, ou ainda, não conhecemos o significado da palavra

cânon, que na linguagem moderna, trata-se de uma “lista de escritura autoritativa lida por um grupo ou religião particular” ou padrão, modelo, norma, regra de escritura (LAYTON, 2002, p. 20). Nosso trabalho trabalhará nesse contexto de literaturas autorizadas e banidas pela tradição cristã que se formou a partir do primeiro século de nossa era, principalmente valendo-se das recentes descobertas de textos dessa tradição que podem trazer novas contribuições para história e também para a experiência do cristianismo.

1. O evangelho de Tomé e a formação do cânone bíblico.

As grandes religiões monoteístas são fundamentadas em seus livros sagrados, e com o cristianismo não é diferente. O que cabe a nós como cientistas das religiões é investigarmos como se deu a origem de determinados livros, com uns que foram inclusos e outros não. Podemos entender isso se olharmos para o Concílio de Niceia, onde foram discutidas essas questões de legitimidade do cânone. Quais critérios foram usados para que isso acontecesse? Por exemplo, alegações de que alguns tiveram sido inspirados por Deus e outros não? Com isso em mente, é relevante trazermos à tona este assunto para que possamos entender como aconteceu todo esse processo de formação do cânone. Juntamente com a história da Bíblia, procuraremos trazer uma resposta que possa ter uma aproximação sobre como foram feitas tais escolhas dos livros ditos “inspirados”.

No entanto, antes de passarmos a discutir este processo de formação do cânone bíblico, cumpre conhecer mais de perto o Evangelho de Tomé, que foi um dos achados de Nag Hammadi, no alto Egito, no ano de 1945, trazendo 114 sentenças ou ditos atribuídos a Jesus. Quando olhamos a história do cristianismo em seus primórdios, vemos uma grande eclosão de textos que não dependiam da canonicidade, conforme já verificamos. Trata-se de um texto permeado por enigmas com que muitos se deparam e querem entender os significados contidos nele. No entanto, devemos conhecer minimamente alguns aspectos de seu contexto para nos aproximarmos um pouco dessa obra da antiguidade tardia.

1.1 O Evangelho de Tomé.

Acredita-se que Tomé tenha passado pela Índia devido as tradições mais antigas do Oriente. Segundo a tradição mais antiga o Norte da Mesopotâmia e Índia tiveram contato com o cristianismo, mais como se deu tal fato? Muitos acreditam que o Apóstolo Tomé tenha ido até a Índia e divulgado os seus ensinamentos fazendo com isso que muitas pessoas na Índia e Mesopotâmia tenham absolvidos a sua sabedoria e criado assim a escola de Tomé. Para Bentley Layton, em seu livro *As Escrituras Gnósticas* (2002 p.422),

Entre as obras mais curiosas da literatura cristão antiga, estão as que são associadas a Sto. Dídimos Judas Tomé, apóstolo do Oriente. Segundo a tradição antiga, a Tomé se deve creditar a conversão do norte da Mesopotâmia e da Índia ao cristianismo e a insigne honra de ser o “duplo” de Jesus, isto é, seu irmão gêmeo.

Podemos perceber que Tomé é colocado segundo seus escritos como sendo o apóstolo da Índia. Seu ensinamento, foi propagado e creditam a ele a conversão do norte da mesopotâmia, não sendo algo meramente passageiro, porém algo que se firmou e criou raízes entre o povo, podendo ter mudado a forma de pensar de pessoas que não tinham um conhecimento sobre o que era cristianismo.

O Evangelho de Tomé não está preocupado em uma narração do mito da criação do mundo ou a dualística entre o bem e o mal, nem tão pouco em um reestabelecimento de um reino completamente restaurado aqui na terra, mas sim preocupado em mostrar a essência de uma sabedoria. Ainda segundo Bentley Layton em seu livro *As Escrituras Gnósticas* (2002 p.428),

Também, ao contrário do mito Valentiniano ou gnóstico, não fala de um tempo futuro da história em que as forças do mal serão destruídas e os justos serão recompensados; antes, o reino de deus vem agora e já está presente. Essa compreensão mística está mais integralmente exposta em O hino da pérola.

Então como já vimos anteriormente, o Evangelho de Tomé não está preso a esse tipo de tempo onde todas as coisas foram criadas, mais sim em trazer à figura do Jesus humano; a pessoa sabia que veio despertar em seus semelhantes aquilo que eles têm de melhor e não conseguem ver. Jesus como sendo aquilo que ele foi, sito é, um rabino, parecia muito mais interessante.

Por isso, não podemos afirmar que O Evangelho de Tomé foi lido apenas por cristãos, mais teve uma abrangência de sua leitura e também de estudos em relação a outros povos, mediante a sua rejeição pela ortodoxia. Outros povos foram impulsionados a terem contato com textos como o de Tomé causando até a conversão de outras nações. Segundo James M. Robinson, em seu livro *A Biblioteca de Nag Hammadi* (2014, p.24),

A Biblioteca de Nag Hammadi também incluiu materiais baseados em outras tradições religiosas, além da herança cristão-judaica. Por exemplo, há também os textos herméticos baseados na erudição egípcia. Tipicamente, eles apresentam diálogos de iniciação entre a divindade de Hermes Trismegisto com seu filho Tal.

Como os textos de Nag Hammadi mostram um diálogo de Hermes Trismegisto com o seu filho Tal. O Evangelho de Tomé vai trazer um diálogo com o seu mestre Jesus, em que estão contidos ensinamentos específicos para serem transmitido a pessoas que eram capazes de esta se relacionando com uma busca interior de si mesmo, para chegar a uma alta visão de conhecimento consigo mesmo.

Dessa maneira, mostrando a sabedoria de um homem cheio de ideias, que tinha como base mudar o mundo através de um conhecimento, foi que converteu pessoas na Índia e teve assim sua escola propagando que o conhecimento é a base da liberdade das pessoas. E tudo começou a acontecer de forma que acreditasse que esse Evangelho de Tomé foi adotado por alguns integrantes do povo indiano, não só apenas por se tratar de um sábio rabino falando, mas sim também pela postura mística que o texto apresenta.

O Evangelho de Tomé vem trazer uma pessoa humana mais com uma sabedoria não antes vista, por isso também que teve a empatia de um povo. As sentenças de Tomé vêm nos mostrar um conhecimento que está internalizado dentro de cada um de nós. Mostrando dessa maneira que o homem é livre para fazer suas escolhas. As sentenças de Tomé não aprisionam, mas sim quebram as amarras muitas vezes impostas a cada um de nós. O Evangelho de Tomé faz com que o homem venha fazer uma análise de si mesmo e entenda que as coisas à sua volta muitas vezes só dependem do próprio homem.

Outro ponto a se destacar é que o Evangelho de Tomé, muitas vezes, é tido como místico, porque é de difícil compreensão para aqueles que buscam saber como podem fazer para chegarmos a esse tão esperado conhecimento. Essa busca incessante e frenética para se reconectar com o divino isso perpassar por cada um de nós. Para Bentley Layton, em sua obra *As Escrituras Gnósticas* (2002, p. 428),

A mensagem do salvador leva o eu a voltar a seu lar apropriado (o reino), i.é., a seu estado adequado; esse lar é descrito como estando parcialmente em outro lugar, i.é., distinto do reino das trevas etc..., e parcialmente dentro da pessoa individual. As consequências práticas do mito seriam o despojamento ascético do reino das trevas e da aderência legalista à lei religiosa das autoridades.

O interessante de observarmos aqui é que vivemos em um estado onde as coisas para mudar só dependem do próprio ser humano, e a mensagem que o Evangelho de Tomé vem passar é que existe sim algo de divino, mas isso se encontra ou reside dentro de cada um de nós, que temos que despertar. Esse alto conhecimento encontrasse no próprio ser. E o Evangelho de Tomé traz essa proposta de que o reino divino está dentro da própria criação do divino, o homem.

Como estamos falando do cristianismo, não podemos apenas falar de algo uniforme, mas sim temos que lembrar que o cristianismo tem suas múltiplas facetas é algo muito amplo, não se restringindo apenas a uma única maneira de pensarmos essa religião. Nesse sentido, o texto traz elementos que remontam a um tempo a que temos dado mais importância e atenção

em nossos dias, pois esse período da história retrata uma forma diferente de enxergarmos uma das perspectivas do cristianismo como o conhecemos, de modo que possamos entender que a literatura dessa época é extremamente.

O Evangelho de Tomé não vai apresentar nada ilógico em relação ao que está escrito nos evangelhos canônicos, especialmente nos sinóticos. Pelo contrário, ele apresenta uma coerência com os demais evangelhos que contam a história de Jesus; isso podemos verificar no formato e estrutura do texto. Segundo John Dominic Crossan, em seu livro *O nascimento do Cristianismo* (2004, p. 285): “O uso de palavras associadas é, em si, princípio organizador, com lógica interna própria... De qualquer modo, a associação de palavras é o princípio segundo o qual os ditos no Evangelho de Tomé foram inicialmente reunidos”. Portanto, é preciso esclarecer as causas que levaram historicamente a Igreja a não aceitar esse evangelho. Por isso, uma das chaves para entender esse processo está na realização do Concílio de Niceia e o que nele foi decidido para a formação do cânone bíblico.

1.2 O processo histórico de formação do cânone.

Quando olhamos o cenário histórico, vemos que Jesus morreu no ano trinta e três, quando Tibério era o imperador. Os evangelhos têm uma distância entre eles de quase quarenta e setenta anos do século I; esse período provocou uma grande mudança naquilo que pensavam sobre Jesus; uns tinham a imagem dele como o Cristo da fé. Na contramão disto, outros o viam e entendiam como o Jesus histórico. Temos que ter uma noção de como chegaram até nós esses relatos. Segundo Benito Marconcini, em seu livro *Os Evangelhos Sinóticos* (2012, p. 3), “Os evangelhos são livros separados de nós pelo espaço de quase dois mil anos, concebidos com determinada mentalidade e expressos mediante uma linguagem diferente da nossa”.

Nos primeiros anos, ainda não havia um cânon formado como o conhecemos hoje, ou seja, um conjunto de textos canônicos. Muito menos um conjunto de textos denominados de apócrifos para a comunidade cristã. O que de fato importava era o livro conhecido em hebraico como Torá ou em grego como Pentateuco. Os escritos em hebraico foram a regra de fé que os cristãos conheciam e seguiam. Para o autor F. F. Bruce, em seu livro *O Cânon Das Escrituras* (2011, p. 17),

Antes de vir a ser usada no sentido de “lista”, a palavra “cânon” foi empregada em outro sentido pela igreja – na expressão “a regra da fé” ou a “regra da verdade”.

Nos primeiros séculos do cristianismo, tratava-se de um resumo do ensino cristão, que se cria reproduzir o próprio ensino dos apóstolos, e pelo qual qualquer sistema de doutrina oferecido para a aceitação entre os crentes, ou qualquer interpretação de escritos bíblicos, deveria ser avaliado.

Partindo dessa premissa de que ainda não havia um cânon formado, os cristãos não tinham essa necessidade de legitimação para poderem crer na mensagem cristã, mediante livros que “falavam a verdade” no primeiro século. Somente a partir do bispo de Lyon, Irineu, é que isso vai mudar. Para ele, o que sustentava a base daquilo que conhecemos hoje como os quatro evangelhos era o Evangelho segundo João, mesmo ele não sendo um dos sinóticos. João mostraria um Cristo exaltado perante tudo e todos. Mas esse empenho de mostrar a veracidade de alguns textos e, não de outros, pode ser perfeitamente compreendido quando analisarmos a própria história da formação do Cânon no contexto do Concílio de Niceia.

Contudo, na contemporaneidade, o próprio conceito de textos canônicos e a maneira como foi concebido esse contexto histórico da antiguidade, passas a ser questionados, pois não podemos ignorar as descobertas de Nag Hammadi que trouxeram para nós uma história que fizeram alguns estudiosos procurarem o porquê desses textos terem sido esquecidos por muitos anos, fazendo-os se perguntarem o porquê dessa literatura não estarem no cânon bíblico.

Entretanto, o bispo Irineu, discípulo de Policarpo de Esmirna, tinha como convicção de que o evangelho de João era o correto. Assim, todos os outros textos secretos existentes foram chamados por ele de ilegítimos ou de heresias. Para ele, de todos esses evangelhos que circulavam apenas quatro “continham a verdade” – os evangelhos sinóticos e o de João seriam a grande base para os cristãos, que posteriormente integraria cânone do Novo Testamento. Mas, para que isso pudesse acontecer, tinha que ter um aval das autoridades constituídas, que acreditassem que isso seria possível.

Irineu, o bispo que escreveu duas obras que ficariam marcadas em relação a esses “hereges”: um livro contra as heresias, que compreendia cinco volumes, o nome do livro dado pelo próprio Irineu era: *Uma exposição e refutação do pretense, mas falso conhecimento*. Já sua outra obra era de um volume muito menor: *Demonstrações da pregação apostólica*. Com esses escritos, ele vai conduzir os cristãos a deixarem de lado escritos que poderiam trazer muitas respostas não apenas para aquele tempo mais também para o nosso.

Não temos uma única forma de enxergarmos o cristianismo, pois ele é recheado de ramificações, como já vimos; então partindo deste olhar em que historicamente as lideranças religiosas sucumbiram, transformando e omitindo uma parte da história, fica muito difícil de termos uma compreensão daquilo que é o cristianismo. Irineu observava apenas um lado dessa multiplicidade, ele tinha uma visão limitada devido a querer entender apenas por um viés a grande potência de fé em que se tornou o catolicismo. Mas não podemos nos esquecer de que tudo tem dois lados, e com a religião não é diferente, pois os escritos de Nag Hammadi são imprescindíveis para entendermos esse universo intrigante e de uma pluralidade diversificada.

Neste momento, entra a figura do Imperador Romano Constantino, que segundo relatos, em um sonho, teve uma visão onde ele via a Cruz que representava o sofrimento de Cristo, e, por conta desse evento, adotaria o cristianismo como a religião oficial do Império Romano. Isso aconteceu em 28 de outubro de 312, a partir desse momento o cristianismo começa a ter sua configuração mudada, os olhares mudam em relação a essa religião que agora passaria de perseguida a grandiosa instituição de fé. Mas, como não poderia deixar de ser, quando uma coisa dessas toma proporções gigantescas, também vieram grandes problemas de concordância entre os bispos não apenas de Roma, mas de outras partes daquela região. Sobre isto, Elaine Pagels, em seu livro *Além De Toda Crença* (2004, p. 176), afirma que:

Enquanto transformava a posição dos cristãos, a revolução de Constantino mudava a dos judeus. Como escreve Timothy Barnes, um dos principais historiadores contemporâneos desses eventos, “Constantino traduziu o preconceito dos cristãos contra os judeus em limitações legais”. Proibiu os judeus de entrarem em Jerusalém, exceto uma vez por ano, no dia em que choravam a perda da cidade, e ordenou que não tentassem converter nem aceitassem convertidos ao judaísmo. Também “determinou que todo judeu que, à força, tentasse impedir alguém de se converter do judaísmo ao cristianismo, fosse queimado vivo”.

Diante de tudo isso, Constantino se depara com o grande problema, que a Igreja enfrentava, que foi a criação de um padrão de fé. Por isto, ele convoca todos os bispos para se reunirem em Niceia, na Ásia Menor e definir uma formulação para a fé cristã. Dentre os problemas, havia a elaboração do Credo de Niceia, que iria estabelecer e redigir o “cânone da verdade”, e depois criou-se uma relação com 27 textos que comportariam o Novo Testamento. Aqui podemos ver que o sonho de Irineu estava se tornando realidade; uma criação mundial de um cânone universal, numa igreja apostólica, de cristãos ortodoxos.

O Concílio de Niceia ocorreu nos primeiros dias de junho de 325; esse Concílio se deu, dentre outras coisas, para Constantino afirmar sua posição de bispo constituído por Deus, termo grego para supervisor, todas as ordens agora eram soberanas e agora passavam por ele, o mesmo toma essa responsabilidade com pulso firme e o cristianismo toma proporções gigantescas, as quais conhecemos até hoje. Essa consolidação do cristianismo no Império Romano se deu para que se pudesse exterminar “o mal existente”, e, assim, estava estabelecida a ordem no império, a partir de então só cresceu, ganhando cada vez mais adeptos e consolidando sua hegemonia.

Alguns escritos vão ter a sua veracidade atestada por conta dos discípulos que andaram com Jesus, como no caso de Mateus e João. Marcos e Lucas são discípulos dos apóstolos que já vão citar outros como Paulo e Pedro. O que acontece é que essas pessoas, por terem andado com Jesus e vivido com ele tiveram a sua verdade atestada perante o cânone. Mediante este fato, podemos perceber o quanto se torna relevante para entendermos o porquê dessas pessoas já citadas tiveram a sua comprovação escrita como verdadeira e Tomé, não. Já que foi uma pessoa e também andou com Jesus e vivenciou toda sua história.

Além disso, certos livros eram lidos apenas como boas literaturas para a fé cristã, mas não eram tidos como revelação de Deus. Segundo R.T Beckwith, na obra *A Origem da Bíblia* (1998, p. 80), “o que qualificava um livro para um lugar no cânon do Antigo ou Novo Testamento não era simplesmente ser antigo, informativo e útil”, mas a ideia de ser autorizado pelo próprio Deus, que teria falado pelo autor humano. Assim, no Concílio, foi dito aos grupos rivais dentro da própria igreja que acertassem suas divergências entre si, para que suas animosidades não interferissem no trabalho de Deus, e assim foram decorrendo as coisas.

O mundo e as perspectivas eram outras, a questão já não era mais o domínio da Igreja se ela prevaleceria ou não contra os hereges, e sim como lidaria com questões dogmáticas que viriam a ter destaques. Segundo Elaine Pagels, em seu livro *Além De Toda Crença* (2004, p. 177),

Um dos conflitos que ele tinha esperança de resolver perturbava as igrejas no império inteiro havia vários anos. À medida que grupos cristãos rivais competiam para ganhar ascendência num mundo modificado, a questão já não era se a “igreja católica” prevaleceria contra “hereges e cismáticos”, mas quem teria sucesso na alegação do que encarnava essa igreja católica.

Depois disto, vários concílios aconteceram. É de nosso interesse, nesse momento, olhar para o concílio egípcio, que foi convocado para declarar heréticas as ideias de Ário³ e excomungá-lo, pois, ele afirmava que o verbo de Deus, embora divino, não existia em um patamar da mesma maneira que Deus Pai. Isso causou uma grande polêmica, e Constantino convocou tanto Alexandre como Atanásio⁴ para decidirem isso em Niceia; para estabelecer um credo “universal” para a igreja, decidindo que o credo confessaria que Cristo é verbo como Deus, e isto foi confirmado pela maioria depois de um intenso debate no qual ficaria estabelecido que Jesus Cristo seria igual ao Pai criador. Nas palavras de Elaine Pagels, em seu livro *Além De Toda Crença* (2004, p. 179),

A fórmula a favor da qual a maioria acabou votando, após um intenso debate, proclamou Jesus Cristo “Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”, ou seja, tomando de empréstimo a expressão de João, o “único filho gerado” por Deus (não “feito”, como todos os seres, tanto anjos quanto homens, que Deus criou).

Portanto, desse momento em diante se estabeleceria a divindade de Jesus como sendo também o Deus criador, e tudo que fugisse deste contexto seria considerado heresia perante a soberania da Igreja, agora Católica Apostólica Romana, que tinha tomado para si, o direito de dizer o que era certo e o que era errado para a comunidade cristã; todos agora que não cumprissem essa norma não seriam considerados cristãos. Estava estabelecido sobre ordens imperiais que tudo aquilo que não fosse de acordo com a igreja não era verdadeiro, só a Igreja Católica era a “voz de Deus”. Daí por diante os quatro evangelhos ganhariam legitimidade política e eclesiástica para se afirmarem como a única e fidedigna verdade.

Todo esse processo que vimos até aqui serviu para que textos como o de Tomé fossem sufocados, fazendo assim que caíssem no esquecimento ou, até mesmo, sendo condenado por heresia; isso seria uma guerra ferrenha, porque a Igreja já tinha a “sua verdade” bem embasada conforme vimos. O que acontecia de maneira muito surpreendente era que essas comunidades cristãs não deixavam esses livros, como o Evangelho de Tomé,

³ Padre, mestre e teólogo que afirmava que o Filho é semelhante ao Pai, mas hierarquicamente inferior a ele. Suas crenças estabelecem um tipo de cristianismo muito difundido no norte da Europa, e do qual o próprio Constantino teria sido adepto (Cf. POTESTÁ & VIAN, 2013, p. 57).

⁴ Alexandre e Atanásio eram um Papa e o Patriarca de Alexandria, respectivamente. Em Nicéia se estabeleceram como principais opositores das ideias de Ário, e responsáveis tanto pela sua condenação quanto pelo estabelecimento do modelo de trindade que prevaleceu no Credo de Nicéia (Cf. POTESTÁ & VIAN, 2013, p. 57).

caírem no esquecimento. O que a história da formação do cânone vai mostrar é que os evangelhos, como os conhecemos hoje, passaram por momentos distintos.

Tendo à mão dados como estes, podemos montar esse quebra-cabeça que é o cânon, e trazer um pouco mais de compreensão dessa origem que conhecemos por “obras inspiradoras de Deus”, quando na verdade não foi bem assim o que aconteceu. Tais fatos da nossa história, ao verificamos, observamos a reconstrução de um tempo em que, para se obter algo, se exigia muita luta por aquilo em que se acreditava. Acreditava, porque já vimos até aqui que foi estabelecida uma regra de fé para os cristãos e não se poderia sair desse parâmetro ditatório. Com o processo de consolidação dos sinóticos como a “verdade absoluta de Deus”, estava aberta a caça aos ditos hereges e os seus escritos, que seriam denominados heréticos pela Igreja.

Assim, os outros manuscritos estavam perdendo forças com a determinação de que apenas quatro evangelhos detinham a verdade; os sinóticos agora assumiam status de soberania perante os cristãos. Mas com a descoberta de 1945 em Nag Hammadi tudo passa a ter uma configuração diferente, pois irá trazer à tona textos que podem elucidar boa parte daquilo que achávamos ter perdido na história dessa grande religião. Textos como o do Evangelho de Tomé, que traz Jesus mais para perto de nós.

Não podemos esquecer que o cristianismo sempre veio passando por grandes transformações, e a mais relevante e sólida foi aquela logo depois do Concílio de Niceia, onde ela vai tomar contornos fortes. E como vimos, uma religião que era extremamente perseguida passa também agora a ser perseguidora daqueles que não tomassem para si o seu cânone de fé como regra absoluta, sendo tudo o que fugisse disto considerado heresia segundo os cristãos dominantes. Todos aqueles que levantassem dúvidas no seio da Igreja agora eram tidos como hereges da fé e não deveriam ser respeitados ou levados em conta; eles ficaram sem credibilidade para poderem exercer suas convicções.

Foram segregados e deixados de lado, porém conseguiram sobreviver para poderem lutar por aquilo que eles acreditavam ser também a verdade, porque essas pessoas que lutavam para ser ouvidas ou ter os seus manuscritos reconhecidos, elas não invalidavam os sinóticos; pelo contrário, se observarmos os escritos apócrifos, eles vão complementar os sinóticos; eles não buscavam uma anulação dos evangelhos, mas, sim, que fossem tidos como uma escritura que tivesse sua importância não apenas como literatura mais como a Palavra de Deus sendo levada a sério.

Depois de todo um processo de canonicidade e afirmação pelo qual os textos que temos em mãos passaram, parece que todos estes questionamentos pelos quais a Igreja passou nos primórdios, também em nossos dias, estão ressurgindo, querendo uma legitimação de algo porque muito se lutou para poder se construir. Essas pessoas estão caindo naquela mesma discussão do tempo em que precisavam obter um estabelecimento de um cânone, sempre vão ter discussões sobre acréscimos de livros ou coisas parecidas, porque, quando observamos o quadro geral das igrejas o que podemos perceber é que existem pessoas lutando por algo que elas acreditam “ser o verdadeiro evangelho” a busca frenética por uma afirmação parece que nunca vai terminar. Segundo F.F Bruce, em sua obra *O Cânon das Escrituras* (2011, p. 245),

Porém, se é sugerido que os cristãos e as igrejas se unam e tentem chegar a um acordo sobre um cânon comum e verdadeiro, deve-se também compreender que o cânon “verdadeiro” de alguns grupos difere do de outros. O professor Aland sabiamente falou da necessidade de cada um questionar o próprio cânon real e levar a sério o cânon real dos outros.

Vemos que sempre existirá, no contexto da Igreja, uma disputa pela veracidade do cânon, no entanto, para além desta disputa por verdades, o que estamos querendo mostrar é o fato de que existem textos que podem ajudar as pessoas a saberem quais as diferentes características do cristianismo em determinados períodos da história. O Evangelho de Tomé vem retratar bem essa história a que estamos tentando remontar, por isso não cabe aqui querer afirmar que o Evangelho de Tomé é falso ou verdadeiro. O que buscamos retratar aqui é o porquê dele não se encontrar no cânone já que encontramos semelhanças entre os chamados sinóticos e Tomé.

O Evangelho de Tomé segue contando fatos que os sinóticos só vão dar pouca ênfase; com isso, podemos ter uma compreensão de vários aspectos contados sob a visão de outro apóstolo da sua experiência com o seu redentor; esclarecendo de uma maneira ímpar a sua visão de um determinado momento que tivera. Portanto, é importante nós, como cientistas das religiões, trazermos essa visão de como aconteceram determinados fatos históricos, pois olhando o cânone e o comparando com o texto de Tomé, vemos algo muito aproximado mediante a narrativa dos sinóticos.

O cânone, como foi possível observar, é um trabalho de longos anos de construção pelos defensores da fé cristã; isso perdura no imaginário das pessoas até os dias de hoje; eles não querem aceitar, de maneira nenhuma, outra forma de saber, porque pensam que se

aceitarem vão estar traindo aquilo no que acreditam; fica claro que os dogmas impostos pela Igreja ainda norteiam essa premissa. Ainda existem aqueles que defendem que a Bíblia contém a verdade absoluta de Deus e fora disso não existe salvação. Para F. F. Bruce, em seu livro *O Cânon das Escrituras* (2011, p. 248),

No século XIX, William Robertson Smith, chamado a responder diante de um tribunal eclesiástico, afirmou sua fé na Bíblia como a Palavra de Deus e deu o seguinte motivo para isso: “Porque a Bíblia é o único registro do amor redentor de Deus, porque na Bíblia eu encontro Deus aproximando-se de mim em Jesus Cristo, e declarando a mim, nele, sua vontade para minha salvação. E eu sei que esse registro é verdadeiro pelo testemunho do seu Espírito em meu coração, por meio do qual eu estou certo de que ninguém mais, a não ser o próprio Deus, é capaz de falar tais palavras à minha alma”.

Dessa maneira fica muito difícil de mudar o conceito de que a Bíblia contém, sim, a verdade de Deus, mas não é a única fonte inspiradora para isto; o cânone mostra um lado da verdade, mas os textos encontrados em Nag Hammadi mostram um outro lado dessa história. E o Evangelho de Tomé traz elementos importantes para compreendermos este “outro lado da moeda”, uma vez que suas sentenças são compostas não por uma pessoa que não sabia o que estava fazendo, mas que tinha convicções daquilo encontrado em seu evangelho.

Em nosso próximo capítulo, trataremos das semelhanças mas também das diferenças entre os evangelhos sinóticos e o de Tomé, pois muito se fala entre semelhanças e diferenças, mas devemos mostrá-las e pontuar tais fatos, porque só assim vamos ter uma dimensão daquilo que perdemos ao não estudarmos o Evangelho de Tomé; vamos mostrar uma perspectiva que os sinóticos não mostram, mergulhar nesse universo se faz necessário para o entendimento de que não existe apenas um viés de salvação para aquelas pessoas das primeiras comunidades chamadas cristãs.

2. Semelhanças entre o Evangelho de Tomé e os Sinóticos.

No capítulo anterior, conhecemos um pouco do Evangelho de Tomé e analisamos o processo de elaboração do cânone bíblico. Neste capítulo, trataremos das diferenças e semelhanças entre os evangelhos sinóticos e o de Tomé, diferenças essas que podem ser gigantescas em alguns pontos. No entanto, vamos escolher apenas algumas delas para que possamos mostrá-las aqui. Mas antes dessa análise comparativa, se faz necessária uma compreensão daquilo que é gnosticismo, uma vez que grande parte da literatura compreende esse evangelho apenas a partir do gnosticismo enquanto movimento do século II, evitando a discussão sobre a possibilidade desse texto não ser gnóstico em seu primeiro estrato de composição, que para os estudiosos (CROSSAN, 2004; MEYER, 2007) estaria no primeiro século, portanto, fora do alcance do gnosticismo.

O gnosticismo é uma corrente filosófica que teve muitos dos seus textos excluídos pela Igreja do seu Cânon. No entanto, consideramos que seus textos devem, sim, ganhar uma conotação de um saber primordial. Os gnósticos tinham uma mística entre eles; eram grupos seletos, preocupados sempre em sua busca pela verdade. Em um dado momento da história os gnósticos eram tachados como hereges. Foi assim que por muitos anos eles ficaram conhecidos pela Igreja. Embora o termo gnóstico, proveniente da palavra grega *gnosis*, é traduzido como conhecimento. O mais importante de se observar em tudo isto é que o gnosticismo era sim considerado uma parte do cristianismo. Mas a partir do momento em que aquele saber não é tido como válido para a Igreja consolidada, acontece uma ruptura na luta para o estabelecimento de sua visão de verdade.

Muito se fala que os gnósticos são hereges ou coisas desse tipo, mas o que seria ser um herege? A palavra vem do latim *haeresis*, que, por sua vez vem do grego *haíresis*, que em seu significado que dizer capacidade de escolher. No entanto, para as lideranças da Igreja que se forma no contexto de Niceia, hereges eram todos aqueles que discordavam das suas doutrinas ou dogmas e isso vai permear o imaginário das comunidades cristãs até os nossos dias, pois os fiéis cumprem à risca aquilo que fala as suas respectivas lideranças, tendo em vista que esses homens são tidos como representantes de Deus aqui na terra. Para a autora Elaine Pagels, em seu livro *Os Evangelhos Gnósticos* (2006, p. 24), “herege pode ser qualquer um de cuja aparência alguém não goste ou denuncie”. Segundo a tradição, “herege é aquele que se desvia da verdadeira fé. Mas o que define a ‘verdadeira fé’? Quem assim a denomina? E por que razões?”.

A institucionalidade da Igreja como a conhecemos hoje é um modo uniforme de crença, pois católicos, protestantes ou ortodoxos compartilham do mesmo credo, por assim dizer; estão firmados dentro daquilo, que para eles foi instituída como sendo a verdade única e válida, fora disso não existe outra forma de enxergar a verdade, segundo esses três seguimentos. Podemos dizer que eles se tornaram fundamentalistas ao se apropriarem de algo que para muitos é tido como uma experiência individual, que é a fé. Hoje podemos dizer que este tipo de pensamento restringe e amarra o indivíduo, que passa a ser doutrinado a pensar apenas por uma linha de pensamento cristão. Mas, devemos lembrar que há um complexo processo histórico de formação da própria igreja que se relaciona a esta imposição de uma fé específica (PAGELS, 2006). Ainda segundo Elaine Pagels,

O cristianismo contemporâneo, cuja complexidade e diversidade conhecemos, na verdade pode ser mais uniforme que as igrejas cristãs dos séculos I e II, pois quase todos os cristãos – católicos, protestantes e ortodoxos – compartilham três premissas básicas. Primeiro, aceitam o cânone do Novo Testamento; segundo, confessam o credo apostólico; e, terceiro, afirmam formas específicas de instituição eclesiástica. Mas cada um deles – o cânone das Escrituras, o credo e a estrutura institucional – emergiu na forma atual, apenas no final do século II (PAGELS, 2006, p. 25).

Assim, conforme indica a própria autora, antes do século II, os textos chamados de “gnósticos” circulavam livremente em meios que depois se denominariam de cristãos, sem problema algum; sem essa preocupação de legitimidade de uma verdade imposta pela Igreja anos depois; isso era irrelevante. E o que a historiografia nos mostra é que, a partir de dogmas impostos, várias formas de saberes foram sufocadas e por que não dizer extintas. Mas com o surgimento dos códices de Nag Hammadi, podemos trazer à tona determinadas questões, como aqui propomos, comparações e diferenças entres esses textos que por muitas vezes vão se complementar, mas também vão ser levados a extremos.

Quando passamos a observar a coisa desse prisma, vamos compreender o quanto se foi perdido, porque um grupo de lideranças cristãs achava que seria por bem que esse conhecimento não viesse à tona, mas como se diz: não há nada oculto que não venha a ser revelado. Foi assim com os textos de Nag Hammadi, especialmente com o Evangelho de Tomé, que como foi dito anteriormente, traz as muitas semelhanças com os sinóticos, mas também traz suas diferenças que iremos explorar adiante.

As três grandes religiões monoteístas são baseadas em seus livros sagrados, Torá, Corão e a Bíblia. Mas como poderemos afirmar que ali está a legítima verdade? Temos que ter a consciência de que os livros na antiguidade estavam propensos a modificações, pois

eram criados letra por letra; era um processo lento e trabalhoso para alguns escribas, que por um descuido que viesse a acontecer, já teria mudado a revelação daquele livro. Quando olhamos o cristianismo não é diferente, encontramos muitos rabiscos que modificam o sentido, muito se perde quando há uma tradução devido à língua de determinados lugares onde não existem palavras equivalentes para as daquele lugar. Segundo Bart D. Ehrman, em seu livro *O que Jesus Disse? O que Jesus não Disse?* (2015, p.55),

No mundo antigo, a única maneira de copiar um livro era fazê-lo à mão, letra a letra, uma palavra por vez. Era um processo demorado, detalhista – mas não havia alternativa, acostumados que somos hoje a ver múltiplas cópias de um livro expostas nas prateleiras das mais importantes livrarias do país poucos dias depois de ele ter sido lançado, simplesmente aceitamos que uma cópia de, digamos, O código da Vinci será exatamente igual a qualquer outra cópia.

Todo esse processo de entendermos o gnosticismo e como se deu a escrita nos primórdios se faz necessário para contextualizar o que vamos abordar aqui, visando como já foi dito às diferenças e semelhanças entre os evangelhos sinóticos e também o de Tomé, porque tudo isso será levado em conta, porém a partir do momento que acontece uma modificação nos escritos, temos uma parte da história perdida e por isso não temos uma compreensão coesa quando comparamos a escrita com os Evangelhos extracanônicos.

2.1 As semelhanças textuais entre o Evangelho de Tomé e os Sinóticos

Na sentença de número 5 do Evangelho de Tomé observamos o seguinte dito: “JESUS disse: “Reconhece o que está diante de tua face e o que te é obscuro” te será revelado. Pois não há nada obscuro que não será manifestado”. Já no Evangelho segundo Lucas 8:17, vamos encontrar JESUS falando o seguinte: “Pois nada há de oculto que não se torne manifesto, e nada em segredo, que não seja conhecido e venha à luz do dia”.

Quando olhamos essas duas passagens tanto no Evangelho de Tomé quanto no Evangelho de Lucas, percebemos que elas são muito semelhantes, provavelmente baseadas nas mesmas palavras de Jesus. No entanto, vemos que o Evangelho de Tomé é muito mais antigo do que o de Lucas, pois segundo observamos na história o evangelho sinótico mais antigo seria o de Marcos, então será que poderíamos afirmar que Lucas bebeu de Tomé? Segundo Benito Marconcini, em seu livro *Os Evangelhos Sinóticos* (2012, p. 19),

O Cânon de Muratori (por volta de 160) menciona Marcos e Lucas, companheiro de Paulo e autor do terceiro evangelho; sendo apenas parcial, não faz menção a Mateus. Irineu (por volta do ano 180) fala de Mateus, que escreve o evangelho em hebraico, enquanto Pedro e Paulo fundavam a Igreja de Roma; menciona Marcos, que escreve o evangelho depois da morte dos dois apóstolos, e Lucas que, como discípulo de Paulo, transmitiu por escrito a doutrina do mestre.

Investigar todos esses aspectos é de suma importância para que possamos trazer à tona reflexões sobre a abordagem do decorrente tema, pois não devemos olhar apenas um viés da história, mas sim ela como um todo, tendo assim um leque de possibilidades, remontando dessa maneira passado e presente. O Evangelho de Tomé neste ponto mostra que não deixa em nada a desejar em relação aos sinóticos, e, por isso, Tomé não pode ser descartado da história. E o seu próprio texto demonstra isso: são palavras de um sábio; de uma pessoa que teve uma determinada experiência com o seu redentor. Por outro lado, os sinóticos vão mostrar uma perspectiva salvífica.

Em Tomé, temos um Jesus mais para perto de nós, e dizendo coisas que só poderiam ser alcançadas não por um mero figurante, mas sim por um buscador de uma verdade, a qual ele estava disposto a lutar por ela. Assim, na sentença número 9 do Evangelho de Tomé, encontramos a conhecida parábola do semeador, onde lemos:

Jesus disse: Escutai: um semeador saiu, tomou um punhado de sementes e lançou. Ora, algumas caíram no caminho, e vieram os passarinhos e as apanharam. Outras caíram na pedra, e não deitaram raízes no solo e não lançaram espigas. Outras caíram nos espinhos, e eles sufocaram as sementes; e os vermes as devoraram. E outras caíram em terra boa, e lançaram boas safras e deram sessenta por medida e cento e vinte por medida.

Já no Evangelho, segundo Mateus 13:3-8, vamos ver as palavras sábias de Jesus da seguinte forma:

E disse-lhes muitas coisas em parábolas. Ele dizia: Eis que o semeador saiu para semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e as comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta.

Podemos perceber novamente as semelhanças entre os dois evangelhos e podemos perceber também algumas diferenças, sobretudo na estrutura do texto, já que um é dividido por versículos e o outro, por sentenças. No entanto, nada, além disso, muda a ideia do texto, que é a mesma, os dois expressam a mesma mensagem. Então como podemos deixar ou

ignorar fatos como estes? Claramente, o Evangelho de Tomé poderia ter sido considerado no processo de formação como sendo o quinto evangelho. Nada muda nas sentenças analisadas com relação ao pensamento dos sinóticos, tudo perpassa o universo da experiência que todos tiveram um dia com aquele que começou o cristianismo, Jesus Cristo.

Os Evangelhos sinóticos vão trazer várias explicações para a ressurreição de Jesus, e veremos várias e possíveis interpretações para uma mesma história, porém vamos perceber que, muitas vezes, quando olhamos um pouco mais atentos, veremos que alguns vão contar a história da ressurreição, nunca de um modo uniforme, sempre existiram pontos que iriam estar diferentes; isso reforça a ideia de que muitos podem ter a sua interpretação pessoal daquilo que vivenciaram e nem por isso os líderes do cristianismo vão falar que isto está errado. Nessa direção, Elaine Pagels, em sua obra *Os Evangelhos Gnósticos* (2006, p. 4), apresenta um exemplo dessa diferença de relatos ao relatar a experiência do apóstolo Paulo:

A experiência de Paulo pode ser lida dessa maneira. Quando viajava na estrada de Damasco com intenção de prender os cristãos, “subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caiu por terra” ao ouvir a voz de Jesus responsabilizando-o pela perseguição. Uma versão da história diz: “Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém”; outra diz o contrário (segundo Lucas, Paulo disse: “os que estavam comigo viram a luz, mas não escutaram a voz de quem falava comigo).

Ao entendermos que nem todos têm uma história uniforme, podemos perguntar: por que o Evangelho de Tomé não entrou no cânone bíblico, tendo em vista que os evangelhos sinóticos trazem detalhes diferentes, mas que não mudam o conteúdo de sua mensagem? Algo que acontece com o Evangelho segundo Tomé, quando traz elementos idênticos, como estamos vendo, mas em uma roupagem diferente, sem que, contudo, se perca a essência da mensagem ou revelação. Esse tipo de variação intracanônica e extracanônica, segundo Bart D. Ehrman (2015, p. 60), pode estar relacionado a outros aspectos o amadorismo:

Depreende-se que os cristãos que copiavam os textos eram aqueles que os queriam – isto é, eles copiavam os textos ou para uso pessoal e/ou comunitário ou o faziam para benefício de outros em sua comunidade. Em suma, as pessoas que copiavam os primitivos textos cristãos não eram, em sua maioria, profissionais que copiavam textos em troca de pagamento (cf. EHMAN, acima); eram simplesmente pessoas letradas da comunidade cristã que podiam fazer cópias (visto que eram alfabetizadas) e queriam fazê-lo.

Tendo em vista, tudo isto, pode-se crer realmente que muito se perdeu, não apenas por interesses políticos, mas, como podemos observar, por interesses próprios em ter aquele

determinado manuscrito direcionado para uma comunidade específica. Os primórdios nos revelam muitas coisas boas, daí a importância de estarmos comparando os sinóticos com o Evangelho de Tomé, pois dessa maneira poderemos distinguir que a história não é bem como aprendemos. Principalmente porque o Evangelho de Tomé traz a sua verdade, assim como os demais textos sinóticos. Então, por que devemos desprezar tal texto? Claramente vemos uma oportunidade de olharmos a história por outro prisma.

Assim, quando adentramos a este evangelho, encontramos uma gama de paralelos, que em um dado momento vão-se fundir, como estamos vendo até aqui. Pois, como já foi citado, o Evangelho de Tomé não quer excluir os que lá está, mas sim buscar um reconhecimento que em cada sentença fica mais óbvia com os sinóticos. Outro exemplo podemos observar na sentença 20 do Evangelho de Tomé, onde encontramos uma indagação dos discípulos que disseram a Jesus: “Dize-nos a que se assemelha o reino dos céus”. Ele lhes disse: “Assemelha-se a uma semente de mostarda. Ela é menor do que as outras sementes, mas se for lançada em terreno arado, lança uma enorme folhagem e é um abrigo para os pássaros do céu”. No Evangelho segundo Marcos 4:30,32, encontramos uma indagação semelhante dos discípulos:

E dizia: com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda que, quando é semeado na terra é a menor de todas as sementes da terra, mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos, a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra.

Podemos mais uma vez constatar as grandes semelhanças com os sinóticos. Não podemos nem devemos ignorar tais fatos, até porque, como já foi mostrado até aqui, essas semelhanças são muito contundentes com os escritos ditos “inspirados por Deus”. Diante de fatos como estes, temos que observar com mais cuidado o Evangelho de Tomé, com o objetivo de encontrar algumas razões para a sua rejeição no cânone. Nesse sentido, buscaremos agora mostrar algumas diferenças que respondam por esta exclusão, uma vez que o texto possui grandes semelhanças com os sinóticos.

2.2 As diferenças textuais entre o Evangelho de Tomé e os Sinóticos

Analisaremos, neste momento, as diferenças entre o Evangelho de Tomé e os Sinóticos, para podermos entender o porquê de o mesmo ter sido excluído do cânon bíblico

pelos líderes da Igreja durante os primeiros concílios eclesiásticos. Vamos retratar algumas sentenças do Evangelho de Tomé, para demonstrarmos suas peculiaridades em relação aos sinóticos. Tomé vai trazer vários elementos que muitas vezes os sinóticos não trazem. Por isso, a importância de resaltar as diferenças, porque já foi observado que, sem dúvida, ele poderia estar entre aqueles livros tidos como “inspiração Divina” em função de suas semelhanças.

A linguagem de Tomé não é algo simples de se entender, porque é carregada de significados, de modo que, nem sempre podemos chegar a uma compreensão do que está sendo dito, a não ser que alguém fosse iniciada em determinado conhecimento. Mas, para isto acontecer, com certeza não era algo tão simples assim. Dessa forma, para muitos, o Evangelho de Tomé é uma grande incógnita, pois traz metáforas que muitas vezes pensamos não fazer sentido. Mas tudo tem um sentido e isto só quem poderia dar eram aquelas pessoas que tinham um determinado conhecimento do gnosticismo.

Um exemplo de conteúdo enigmático ausente nos sinóticos encontramos na sentença 7 do Evangelho de Tomé, que possui grande valor metafórico: “Jesus disse: “Bem-aventurado o leão que o ser humano devorará para que o leão se torne humano. E maldito é o ser humano que o leão devora; e o leão se tornará humano”. Essa passagem é carregada de elementos gnósticos. O leão pode ser o nosso lado irracional, nossa força “animalesca”, que, na verdade, pode ser “devorada”; ou seja, dominada e subjugada pelo nosso lado humano, pelo nosso lado racional. Por outro lado, há humanos que são totalmente dominados por seu lado feroz. Então, o que podemos ver aqui é que o cristianismo de hoje não tem esse entendimento, essa forma filosófica de pensamento, coisa que os sinóticos não nos mostram.

Entretanto, como observado anteriormente, os elementos encontrados no Evangelho de Tomé não são em parte todas gnósticas, mas sim, existindo várias camadas que podem ser lidas dessa forma. Para estudiosos como CROSSAN (2004) e MEYER (2007), muitas dessas camadas são acréscimos posteriores para satisfazer o contexto em que o texto era utilizado. Por isso as passagens apresentavam esse tipo de divergência. Quando olhamos a sentença 18 no Evangelho de Tomé, podemos verificar esse tipo de diferença na fraseologia da mensagem:

Os DISCÍPULOS disseram a Jesus: “Dize-nos como será o fim”. Jesus disse: “Então expusestes às claras o começo, e por isso estais procurando o fim? Pois o fim estará onde está o começo. Bem-aventurada a pessoa que permanece em repouso no começo. E essa pessoa terá conhecimento do fim e não provará a morte”.

Várias coisas permeiam essa passagem de um saber gnóstico, pois ela vai dizer que o fim estará onde está o começo, ou que a pessoa tem que ficar em repouso. Todos esses termos mostram características de um intelecto bastante carregado de significados para aqueles que adotavam essa mensagem, que era algo muito complexo de se entender, pois elas tinham suas peculiaridades, mas só quem poderia interpretá-las eram aquelas pessoas que fossem iniciadas neste conhecimento.

Fala-se também, na passagem acima, que aqueles que obtiverem não provarão a morte. Então percebemos aqui é que não depende de uma conversão para não provarmos a morte, mas sim de um conhecimento. Isto muda completamente o que entendíamos por salvação, segundo a crença cristã tradicional presente nos evangelhos canonizados. Mas ao vermos esse ensinamento do Evangelho de Tomé, percebemos que tudo isto pode ser alcançado mediante o conhecimento e não pela fé.

Partindo desse ponto, entendemos que realmente temos muito o que aprender, e nós, como cientistas das religiões, trazemos essa visão de salvação em outro prisma. No entanto, isso traz um novo olhar, de modo que, para chegarmos a um saber, temos que ter conhecimento. Assim, para Elaine Pagels (2006, p. 14), tratava-se de um conhecimento iniciático:

Sabemos que os professores gnósticos desafiavam os ortodoxos exatamente desse modo. Enquanto, segundo eles, os ortodoxos confiavam apenas nos ensinamentos públicos, preceitos esotéricos que Cristo e os apóstolos ofereceram a “muitos”, os cristãos gnósticos afirmam oferecer, além disso, o ensinamento *secreto*, conhecido apenas por poucos.

Esse conhecimento trazido pelo Evangelho de Tomé reflete muito aquilo que o seu segmento pregava, que era libertar-se das amarras que supostamente alguém pudesse ter e, com isso, pegar as rédeas do seu próprio destino. E isso deixava a Igreja ortodoxa perturbada, pois se existiam pessoas que pensavam assim, ela não poderia controlar. Por isso, achou por bem tratar os seus escritos como heresias, ficando dessa maneira mais fácil de poder controlar o ímpeto dos ditos “hereges”.

E assim começa a ser travada uma luta entre a Igreja ortodoxa e os chamados hereges, que supostamente estavam deturpando a Palavra de Deus. E essa luta se arrastou durante os primeiros séculos de nossa era. Entretanto, com a descoberta dos códices de Nag Hammadi, podemos entender o porquê de a igreja querer extirpá-los de seu seio. A busca

pelo “conhecimento divino” agora não dependia mais de submissão à igreja, mas sim do conhecimento que dependia do próprio homem.

Nesse sentido, o Evangelho de Tomé causava inquietação, pois aqueles líderes não sabiam como lidar com o real conteúdo da mensagem, e acharam por bem deturparem os ditos de Tomé, fazendo com que as pessoas não dessem a credibilidade devida a tal manuscrito. Esses ditos trazem esclarecimentos para aqueles que o entendem, por isso a igreja se viu acuada com esse texto que estava circulando e mostrando para muito que a luz divina estava em cada um de nós, portanto, longe do controle da igreja e seus líderes. Um exemplo disso aparece na sentença 28, onde observamos um alto grau de complexidade dessa mensagem, na qual o próprio Jesus vai nos dar um cenário do mundo.

JESUS disse: “Permaneci em repouso no meio do mundo. E para eles me manifestei encarnado; encontrei-os todos embriagados. E não encontrei ninguém com sede. E minha alma estava aflita por causa dos filhos dos homens, pois estão cegos em seus corações e não podem ver. Pois vazios entraram no mundo, e de novo vazios eles procuram sair do mundo. Mas, agora estão embriagados. Quando se livrarem de seu vinho, então terão uma mudança de coração”.

Podemos ver aqui um conhecimento profundo que vai trazer várias metáforas, que só quem entendia eram aqueles iniciados neste saber. O Evangelho de Tomé vem-nos mostrar que essa via de salvação que o homem tanto busca, só depende dele, e, ele está adormecido para que possa alcançar esse entendimento daquilo que ele, o homem, vai chamar verdade. Passear pelas sentenças de Tomé é reviver descobertas que se iam perder com o tempo.

Nesse sentido, o Evangelho de Tomé rompe com dogmas impostos pela Igreja que saiu vitoriosa. O gnosticismo traz para o homem um caráter libertador, que chama o homem para conhecer a si mesmo, para que, ao se conhecer, ele possa transcender sem precisar de intermediários, na busca de algo superior a ele mesmo. Podemos ver esta sua característica na sentença 29, quando Jesus vai mostrar as relações de dependência do espírito e do corpo: “É maravilhoso, se foi para o espírito que a carne veio à existência. E maravilhoso, realmente, se o espírito (veio à existência) por causa da carne. Mas, quanto a mim, fico maravilhado por essa grande riqueza ter vindo habitar nesta pobreza!”.

Mas, uma vez somos remetidos a pensarmos que toda sabedoria emana dentro de cada um de nós, quando Jesus afirma que veio habitar nesta pobreza, Ele está dizendo segundo o Evangelho de Tomé, que a riqueza do homem reside dentro de si mesmo. E só cabe a cada um descobrir ou despertar essa busca pelo sagrado, que está adormecido no seio

daqueles que procuram a verdade, o próprio homem. Quando olhamos esse conhecimento que o homem tinha de si mesmo, compreendemos que o Evangelho de Tomé “é o caminho para essa verdade”.

Quando olhamos todo esse cenário onde o cristianismo por muitos anos sufocou este tipo de mensagem, travando um conhecimento que, por um século e meio, ficou escondido, podemos dizer que boa parte da história ficou nesse tempo amordaçada. Mas, graças a descoberta de Nag Hammadi, podemos ter acesso a esse conhecimento que a Igreja oficial durante os primeiros séculos lutou para que ficassem adormecidos. No entanto, o que vemos hoje é a eclosão desses textos, trazendo luz para aqueles que querem saber mais.

Mas em função de suas camadas gnósticas, o cristianismo consolidado achou por bem não reconhecer esses escritos e, em especial, o Evangelho de Tomé, que afirma estar dentro do próprio homem o conhecimento da verdade e da salvação. Tal ensinamento era uma afronta para a Igreja ortodoxa romana. Pois seus líderes acreditavam que, se adotassem esse livro como sendo canônico, não teria o domínio e poder sobre as diversas comunidades que se formavam naquela época, a partir do legado dos movimentos de Jesus, tornando muito mais difícil o trabalho para a liderança eclesiástica. No próximo capítulo, analisaremos um pouco a atitude teológica dos textos, isto é, a maneira como Deus era retratado no Evangelho de Tomé e nos Sinóticos.

3. A atitude teológica dos textos ou como Deus é retratado por cada um desses evangelhos.

Como já foi visto até aqui, os textos de Nag Hammadi vieram ao conhecimento do público apenas no século XX. Até então não se sabia da sua existência. Junto com eles veio o Evangelho de Tomé com suas semelhanças com os sinóticos, bem como as diferenças. Agora nós iremos analisar como Deus é retratado por cada um desses evangelhos. Como os sinóticos entendem Deus e como o Evangelho de Tomé também o entende. Temos que observar aqui que quando falamos de Deus estamos nos referindo a Jesus, pois segundo o Concílio de Nicéia, Jesus e Deus têm o mesmo status.

Quando os textos sinóticos vão se referir a Jesus o fazem como sendo o próprio Deus. Isto é o que nos mostram os sinóticos. Mas será que ele era visto dessa forma por todos nos séculos I e II? Essa é a primeira pergunta que devemos nos fazer, sobretudo para que se forneça um pouco mais de entendimento para quem busca um olhar sobre a história dos primórdios ou aquilo que antecederam o que conhecemos como cristianismo. Pensar dessa forma hoje pode até parecer incomum, mas não estamos aqui falando de um tempo carregado por dogmas, porém esse período da história que estamos aqui retratando é onde as coisas de fato aconteciam e existiam pessoas que expressavam sua própria cosmo visão daquilo que entendiam ser o certo.

Por isso se faz necessário entendermos todo esse cenário que nos leva a pensarmos em coisas que hoje seriam heresias como um dia ficou estabelecido como tal. Só que hoje o que podemos enxergar é que uma parcela da nossa comunidade cristã não está mais satisfeita com a forma de pensar do cristianismo. No entanto, isso os levam a buscarem formas alternativas de se pensar essa instituição chamada cristianismo. Silas Guerriero, em seu livro *Novos Movimentos Religiosos* (2006, p. 13), sobre isso, comenta:

Estamos acostumados a pensar em religião como algo perene, ligado às tradições mais antigas e portador de uma verdade ancestral que não pode ser modificada ou colocada sob suspeita. Qualquer inovação e surgimento de uma nova religião, principalmente se esta seguir padrões muito diferentes daquilo que consideramos comum, levanta logo uma suspeita de que se trata de algo falso. Pior ainda se essa religião praticar rituais exóticos e converter a nossa juventude. Rapidamente será acusada de enganar as pessoas e fazer lavagem cerebral.

Estas considerações feitas por Silas Guerreiro se aplicam perfeitamente à postura tomada pelo cristianismo, que mantém, uma visão conservadora sobre a ótica da divindade,

em que não podemos pensar fora de seus padrões. Isso perdura até os dias de hoje. A igreja é detentora de uma maneira de se pensar, pois o Concílio de Nicéia estabeleceu para a massa que Jesus é Deus e não podemos fugir desse pensamento. A igreja ganha bastante força ao estabelecer o seu cânon como sendo a verdade única. Os sinóticos trazem essa ideia do divino, onde testemunhos eram dados mediante aos estudos dos sinóticos. Para Benito Marconcini (2012, p. 119),

Orígenes, na metade do século III (254), como testemunha da Igreja de Alexandria no Egito, diz: “Em primeiro lugar foi escrito o evangelho de Mateus, que havia sido publicano, depois apóstolo de Jesus Cristo, publicado pelas pessoas de fé proveniente do judaísmo, composto em língua hebraica”. Esses testemunhos claros fundamentam as afirmações dos Padres ocidentais do século IV: Agostinho, Ambrósio, Eusébio, Jerônimo, Atanásio, Basílio, Magno, Gregório, de Nazianzo, e Gregório de Nissa. Todos eles estão de acordo sobre os seguintes dados: O primeiro evangelho foi escrito por Mateus, que ouviu Jesus, é ordenado, prevalentemente formado de palavras – ensinamento, e dirigido aos hebreus.

Diante de afirmações como esta, podemos ver como pesa a parte teológica da igreja no pensamento dos cristãos até os nossos dias, e assim começamos a ter um pouco a dimensão do quanto era difícil expressar outro pensamento, que não fosse esse regido por essa teologia, que impunha para os cristãos apenas uma forma de pensamento. Excluindo de uma forma rude os outros textos que poderiam trazer um novo olhar sobre a forma de se entender uma história que mexe com o imaginário daqueles que buscam respostas para entender esses eventos.

O Evangelho de Tomé, no entanto, vai nos mostrar um Jesus humanizado; um rabino sábio que transmitia seus ensinamentos de uma maneira que não era tão simples assim como se possa supor. Pois para aqueles que não estavam com ele todo o tempo, lhes transmitia seus ensinamentos por parábolas, com momentos de difícil entendimento. Por esta razão vemos que Tomé não era qualquer um nesse cenário de saber; ele detinha um conhecimento capaz de influenciar muitas pessoas através das suas sentenças.

O Evangelho de Tomé traz a visão do homem Jesus, enquanto os sinóticos vão buscar a visão mais divinizada do mesmo Jesus, por isso a teologia nesse sentido teve as suas raízes mais firmadas neste propósito, principalmente porque por longos anos esses textos de Nag Hammadi ficaram perdidos por muitos anos. Agora temos a oportunidade de trazermos esses textos para poder traçarmos esses paralelos. Que fique bem claro que aqui não estamos discutindo sobre a teologia. O que estamos querendo mostrar são duas visões de Deus a partir de duas perspectivas diferentes.

Quando olhamos para os textos sinóticos vemos que eles são carregados de valores em relação àquelas pessoas que decidem segui-lo. Apresenta traços bastante fortes que perpassaram o tempo e por isso podemos dizer que ele assumiu o status de privilegiado no meio da comunidade cristã, fixando-se no pensamento ocidental de tal maneira que para se pensar de outra forma seria cometer um grande sacrilégio. Gerd Theissen, em seu livro *A religião dos primeiros cristãos* (2011, p. 120), aborda essa questão:

Os valores fundamentais sempre se repetem nos textos de uma comunidade. Amor e renúncia ao status são temas importantes em quase todos os textos cristãos primitivos – de modo especial na literatura sinótica, paulina e joanina. Decisivo, porém, é, de fato, um último critério: Os valores fundamentais se mostram como valores de base mediante o fato de eles marcarem outros valores e normas.

Agora podemos perceber o quanto a teologia cristã e o modo como ela enxerga Deus ficou bastante solidificada para os seus hábitos. Principalmente quando se estabelece com o seu cânon como verdade única e existente. Por isso, fica um pouco difícil de aplicar outra visão para a comunidade cristã. Os seus líderes trabalharam essa maneira de pensar muito bem na cabeça de seus fiéis, sendo tudo que fuja disso algo ilegítimo para “os verdadeiros adoradores de Deus”.

Mas o que temos que ter em mente é que textos como o Evangelho de Tomé circulavam livremente nos dois primeiros séculos, e até as comunidades adotavam essas literaturas como sendo validas para eles. No entanto, Tomé com seus ditos causa uma indagação até os dias de hoje, com seus aforismos e metáforas. Isso, como já foi dito, pode ter sido a causa de ele não ter entrado no cânon bíblico. Mas naquela época, antes da formação do cânone, a veracidade do Evangelho de Tomé não dependia de uma crença determinada por um grupo eclesástico, mas sim por um grupo de pessoas que viam nesse texto uma forma de alcançar a sua espiritualidade e a sua verdade.

Outro ponto a ser observado é que esses textos chamados hoje de heresias por alguns foram identificados, dentro do próprio cristianismo, como sendo uma corrente filosófica, para logo depois serem rejeitados de uma forma muito agressiva por parte da igreja em formação, que via impureza textual nesses textos encontrados em Nag Hammadi. gnósticos mais com camadas muito gnósticas. Sobre isso, James M. Robinson, em seu livro *A Biblioteca de Nag Hammadi* (2014, p. 17), comenta:

As escolas gnósticas começaram a emergir dentro do Cristianismo e do platonismo, até que ambos concordaram em excluí-las como “heresia” do

Gnosticismo. Como consequência, as significativas expressões filosóficas míticas eloquentes de postura radical se tornaram, por sua vez, tradições deturpadas, reutilizadas posteriormente por poucos autores, que atenuaram, para não dizer que turvaram, as versões consideradas como a maioria daqueles que sobreviveram, embora ainda existam muitos “clássicos” em A Biblioteca de Nag Hammadi.

Mediante todo esse cenário o que podemos perceber é que os textos sinóticos mostravam Deus como um ser quase inalcançável, já a literatura gnóstica mostra Deus como uma força atuante dentro de cada um de nós. Mas para que isso pudesse acontecer, teria que termos uma conexão com nós mesmos; tínhamos que estar em contato com uma emanção que para os gnósticos reside dentro de cada um de nós. Enquanto isso, o cristianismo ortodoxo iria insistir afirmando que somos totalmente dependentes de Deus.

3.1 A atitude cristológica dos textos ou como Jesus Cristo é retratado por cada um desses evangelhos.

O termo cristologia significa o estudo sobre Cristo onde boa parte da teologia irá trazer uma perspectiva sobre a divindade de Jesus; também define a sua natureza, a doutrina e vida de Jesus Cristo. Os padres e bispos da igreja vão querer demonstrar sobre essa perspectiva que Jesus é um ser divino que ressuscitou de forma literal e que também é Deus. Mas vamos analisar aqui o que pensavam os cristãos gnósticos sobre este ponto de vista, e trazer essa dualidade de cosmovisões

Os líderes da igreja tinham como sua regra de fé que Jesus ressuscitou na sua forma corpórea e essa visão não poderia ser contestada por seus fiéis. Todos deveriam acreditar naquilo que a igreja pregasse. E desse modo temos a estrutura de um pensamento quase nunca contestado e até mesmo reverenciado por muitos. Mas na contramão desse pensamento, temos os cristãos gnósticos que possuem uma visão diferenciada sobre o mesmo assunto. Eles acreditavam que a ressurreição não aconteceu da forma literal como acreditam os cristãos ortodoxos. Eles entendiam essa ressurreição acontecendo no nível espiritual. Sobre isso, afirma Elaine Pagels (2006, p. 10):

Mas os cristãos gnósticos rejeitaram a teoria de Lucas. Alguns gnósticos chamaram a concepção literal da ressurreição de “fé de tolos”. A ressurreição, insistiram, não era um evento único no passado: ao contrário, simbolizava como a presença de Cristo poderia ser vivenciada no presente. O que importava não era a visão literal, e sim a espiritual.

A partir disso, percebemos que textos como os de Nag Hammadi ressurgiram para mostrar a importância desses elementos; para fazer com que muitos possam não só refletir sobre este assunto, mas que também tenham uma visão crítica da história. Os padres e bispos consideravam esse tipo de pensamento como falso, e por isso não poderiam aceitá-lo no céu da igreja. A liderança eclesiástica defendia com muito afinco que Jesus Cristo teria ressuscitado literalmente em sua forma corpórea.

E aqui não estamos questionando essa visão, apenas reiteramos que a importância de termos outro olhar da história, para não ficarmos apenas engessados em um tipo de conhecimento, pois o cristianismo é composto por ramificações, de modo que não podemos e não devemos manter nossa visão limitada para outro tipo de saber. Os cristãos gnósticos entendem este tema de forma diferente. Segundo os gnósticos, era preciso passar uma iniciação. Novamente, acerca desse aspecto, comenta a autora Elaine Pagels (2006, p. 14):

Sabemos que os professores gnósticos desafiaram os ortodoxos exatamente desse modo. Enquanto, segundo eles, os ortodoxos confiavam apenas em ensinamentos públicos, preceitos esotéricos que Cristo e os apóstolos ofereceram a “muitos”, os cristãos gnósticos afirmam oferecer, além disso, o ensinamento secreto, conhecido apenas por poucos.

O que podemos observar aqui é mais um ponto de divergência entre essas duas visões; tanto dos cristãos ortodoxos quanto dos cristãos gnósticos. Essa dualidade de pensamentos não anula uma à outra, mas o que temos que ressaltar aqui é a importância da mensagem para suas comunidades; que defendem os interesses para os seus seguidores em meio a uma eclosão de textos.

Por isso vamos ter pontos de divergências bastante impactantes porque de um lado vemos a igreja ortodoxa defendendo que esse tipo de saber é incoerente em ao seu credo, e se opondo a essa visão, teremos os cristãos gnósticos, mostrando que Jesus era um rabino sábio e que demonstrava isso sem precisar apelar para o seu lado divino, como traz os sinóticos. Hoje são visões dualísticas que em um determinado momento da nossa história não tinha problema algum em andarem lado a lado. Sobre isto, Marvin Meyer (2007, p. 69), afirma:

A preocupação do Evangelho de Tomé em encontrar os ensinamentos ocultos de Jesus presume que os discípulos e leitores irão interagir com os ensinamentos de Jesus de maneira criativa, encontrar uma interpretação para as palavras dele e pensar de acordo com ele. Os enunciados do Evangelho de Tomé deixam todo espaço para interpretações, e alguns são especialmente enigmáticos. Jesus diz que não é sequer um mestre, no sentido convencional de alguém que comunica

informações e verdades. Em vez disso, ele declara, põe em ação a fonte borbulhante com que apresenta a sabedoria, mas aqueles que buscarem mais chegarão à sabedoria por si mesmo.

O papel da ortodoxia se tornou de fundamental importância, pois ela com a exclusão dos textos tidos como apócrifos, vai retratar Jesus como sendo aquele que veio trazer a redenção para o mundo, dando pouca ênfase em sua sabedoria numa perspectiva mais profunda como no caso do gnosticismo, com seu processo iniciático para se chegar a tal conhecimento. A igreja ortodoxa se fixar no caráter divino da figura de Jesus, enquanto o gnosticismo irá trazer maior ênfase em seu conhecimento terreno, para que muitos venham despertar para aquilo que segundo os gnósticos existe dentro de cada um de nós. Jesus pode sim ser divino, mas o que não se pode desprezar é a sua natureza humana que trouxe bastante sabedoria a todos que se dispunham a aprender.

3.2 A soteriologia dos textos ou como a doutrina da salvação do homem aparece nesses evangelhos.

A soteriologia é parte da teologia que estuda da Salvação do homem. Doutrina da salvação da humanidade por Jesus Cristo. A igreja ortodoxa adotou isso como sendo a sua regra de explicação para a salvação do homem. Só que existem várias formas de soteriologia nas outras religiões, com cada uma adotando um ponto de vista sobre a soteriologia. Existem aquelas que determinam o conhecimento como sendo uma forma de se chegar à soteriologia. Com o gnosticismo acontece dessa maneira; eles acreditam que para se chegar à salvação tem que alcançar um conhecimento que poucos podem obter. A igreja ortodoxa vai dizer que é possível alcançar a salvação mediante a graça.

Como já foi falado, o gnosticismo acredita que essa salvação só acontece mediante a um conhecimento que não pode ser passado por qualquer pessoa; tem que acontecer um tipo de processo iniciático para se chegar a esse conhecimento. Esse conhecimento só pode ser atingido quando você se conecta com o seu próprio eu, quando você é levado a fazer uma autoanálise de si mesmo. Segundo Marvin Meyer (2007, p. 117),

Para Valentino e os seus seguidores, a perfeição do divino baseia-se nas profundezas de Deus e todas as emanações, ou “frutos”, surgem das profundezas, incluindo a primeira emanação, o útero ou mãe, e a criança. Para Valentino, a criança pode ter sido compreendida como sendo a palavra, o logos ou Cristo.

Podemos observar uma linguagem extremamente filosófica e de difícil entendimento, com os gnósticos tendo sua própria característica de entenderem a soteriologia. É uma forma muito particular que vem através de uma busca incessante de um conhecimento que nem todos estão habilitados para atingir. No entanto, aqueles que estivessem dispostos a trabalhar o seu eu interior seria capaz de chegar a um patamar de conhecimento que nem mesmo ele saberia que existia dentro de si. A salvação segundo a ótica do gnosticismo reside dentro de cada um de nós, temos que ser capazes de nos reconectamos com essa força que emana e pulsa em nosso eu.

Já os líderes do cristianismo tradicional acreditam que a soteriologia vem através da graça de Deus para o mundo, mediante seu filho Jesus Cristo, que veio para remir as pessoas daquilo que é pecaminoso, e também fazer *teshuva*, palavra hebraica que significa retorno a Torá. Aí está a forma da igreja acreditar na soteriologia, porém, os fiéis acreditam que pela graça são salvos. Segundo encontramos no evangelho segundo João 3.16 as seguintes palavras: “Pois Deus amou mundo de tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Esta afirmação vem reforçar aquilo que falamos, que para cristianismo ortodoxo a soteriologia é alcançada mediante a graça concedida por Deus por meio do seu filho Jesus.

E todo o cenário é criado em nossas mentes, de acordo com essa premissa que temos que crer na graça de Deus, para poder alcançar o ápice que é a salvação. No entanto, quando passamos a ter uma visão diferente daquilo que a ortodoxia nos impõe, somos taxados como hereges, que é termo usado pejorativamente para denegrir ou diminuir o conhecimento do outro. Porém, o gnosticismo segue inabalável em sua forma de pensar como se daria a soteriologia. E vão ter suas visões de soteriologia muito distintas umas das outras.

Mas o que prevaleceu foi a visão tradicional por muitos anos. Porém, com as descobertas de Nag Hammadi, entendemos o porquê desse descaso com os textos tidos como apócrifos. Diante das alegações da igreja, o gnosticismo não fazia parte do cristianismo, pois tinha muitas diferenças de ideias, divergindo bastante a respeito de vários assuntos. Elaine Pagels (2006, p. 33), informa sobre alguns desses temas:

Alguns acadêmicos consideram, hoje, o gnosticismo sinônimo de dualismo metafísico – ou até com uma pluralidade de deuses. Irineu denuncia como blasfêmia essas caricaturas da convicção, fundamentais para as Escrituras Hebraicas, de que “O Senhor seu Deus é um Deus”. No entanto, Clemente de Alexandria, contemporâneo de Irineu, relata que havia uma “gnosis monádica”; e as descobertas de Nag Hammadi também revelam que o gnosticismo valentiniano

– a forma mais influente e sofisticada de ensinamento gnóstico e a que mais ameaçava a igreja – diferia bastante do dualismo.

Quando olhamos para as descobertas de Nag Hammadi entendemos que se muda toda uma forma de pensamento; que se não tivesse sido sufocado tal conhecimento teríamos modificado e muito a maneira de pensar e entender o que eram as comunidades dos dois primeiros séculos. A igreja consolidada se agarrou aos evangelhos sinóticos como sendo a única maneira que o homem teria para chegar à salvação. Fora dessa perspectiva não existia outra maneira de se obter essa salvação. Nós como cientistas das religiões não temos o intuito de levantar uma bandeira de quem está certo ou errado, mas sim trazer elementos para que possamos levar as pessoas a terem mais uma visão de um determinado assunto.

O cristianismo apostólico romano estabeleceu o seu credo como a única verdade. E a soteriologia da comunidade cristã só vai levar em conta os livros de Mateus, Marcos, Lucas e João como sendo a regra base do seu alicerce de fé. E a salvação só é alcançada mediante a graça de Deus via seu filho Jesus Cristo. Já os cristãos gnósticos vão ser levados para a questão do conhecimento, em que só pode ser alcançado mediante um ensinamento que não poderia ser passado de qualquer forma, mas sim por uma pessoa que iniciasse a outra para tal conhecimento. Esse saber não vinha de acordo como a igreja tradicional prega, isto é, pela graça, mas sim através de uma experiência com você mesmo.

O que fica evidente são duas formas de se observar um mesmo assunto: um vai pelo véis da graça e o outro é através do conhecimento. No entanto, essas visões dizem muito de cada uma das perspectivas. Uma irá atingir o seu ápice pela graça e a outro pelo conhecimento. Quando olhamos tudo isso vemos que quem perdeu com isso fomos nós, pois essas duas visões se completam, pois trazem o conhecimento e o outro a graça divina.

Portanto, o que temos que levar em conta são as duas maneiras de se entender o mesmo assunto. O que não se pode considerar é uma visão querendo sufocar outra por conta de ideologias que eram divergentes. Só que durante os primeiros séculos de nossa era esses pensamentos entre essas cosmovisões caminhavam lado a lado, sem problema algum. A soteriologia cristã ortodoxa teve mais sucesso em relação à sua ideia de salvação humana. Já a soteriologia cristã gnóstica, embora “derrotada” no campo empírico da religião, traz a marca do conhecimento com as suas metáforas e aforismos, sendo agora resgato depois de séculos de silêncio. Tudo isto acaba por contribuir num somatório de cosmovisões acerca de um mesmo tempo, dentro de uma tradição que se manteve por algum tempo como seguidoras do movimento de Jesus.

CONCLUSÃO

Com o nosso trabalho, analisamos um texto que faz parte dos manuscritos descobertos em Nag Hammadi, mais especificamente o Evangelho de Tomé, que em alguns aspectos se assemelha e muito aos evangelhos sinóticos. E, o que nos motivou a desenvolver essa pesquisa foi justamente compreender o porquê desse texto, apesar de tantas semelhanças com os sinóticos, ficou fora do cânone bíblico. Então, surgiu a questão que nos norteou a pesquisa: se existem tantas semelhanças entre esses evangelhos por que razão o de Tomé ficou de fora, sendo reconhecidos apenas quatro evangelhos, como sendo verdadeiros? Por isso, fomos motivados a uma investigação do porquê da exclusão do Evangelho de Tomé.

O Evangelho de Tomé foi descoberto em 1945 no alto Egito, sendo analisado algum tempo depois por estudiosos que se interessavam sobre o assunto. Ao analisarmos mais de perto, podemos encontrar, além das referidas semelhanças, importantes diferenças. Existem momentos em que os evangelhos se fundem de maneira genuína. Por outro lado, existem momentos em que podemos observar uma grande e mensurável diferença entre eles. Nesse sentido, o texto de Tomé não parece estar preocupado em mostrar uma visão próxima daquela que os sinóticos nos trazem, mas sim uma maneira bastante independente do pensamento presente nos canônicos.

Nossa investigação trouxe elementos que procuraram responder o porquê da exclusão do Evangelho de Tomé do cânone bíblico, contribuindo com o debate nessa linha e com a reflexão acerca dessa exclusão, trazendo assim alguns esclarecimentos sobre este tema. Um desses assuntos centrais tem a ver, por exemplo, com a linha de raciocínio do cristianismo que prevaleceu, na qual para se chegar a “salvação” só existe o caminho da fé e da graça divina em Jesus Cristo. Já nas sentenças do Evangelho de Tomé, observamos uma visão diferente sobre a perspectiva da salvação. Nela, não se depende apenas de um ser supremo, mas sim do próprio ser humano, por intermédio do conhecimento (gnose). Esse conhecimento, segundo o Evangelho de Tomé, reside dentro do próprio homem, e que para se alcançar a salvação será preciso que o homem tenha que fazer uma busca interior para conhecer a si mesmo, o que de alguma forma se aproxima de princípios filosóficos da época.

Nosso objetivo foi mostrar o Evangelho de Tomé e as razões do porquê de sua exclusão do cânone bíblico. Para tanto, pesquisamos a formação desse cânone e também do próprio evangelho em questão, além das passagens que se assemelhavam e também se diferenciavam. Por fim, trouxemos alguns exemplos entre o Evangelho de Tomé e os

evangelhos sinóticos em relação à atitude teológica de ambos. O resultado é que uma das principais razões tem a ver com a leitura do Evangelho de Tomé a partir do gnosticismo do século II em diante. Assim, não ter sido tido reconhecido como sendo um quinto evangelho para o cânon bíblico está diretamente relacionado a este fato. O Evangelho de Tomé traz camadas cristãs do primeiro século, mas também tem camadas gnósticas. Para um projeto da ortodoxia então em pleno processo de afirmação, não interessaria um texto que em sua diferença traria mais problemas do que solução.

O objetivo, obviamente, não é sugerir uma mudança do cânone bíblico, mas sim apresentar esse texto cristão da antiguidade que é bastante rico em sua estrutura e também em seus ensinamentos, os quais foram adotados por comunidades do século I e II. Além disso, Tomé, como já foi falado em nosso trabalho, não pode ficar estigmatizado como o discípulo incrédulo; aquele que só acreditaria se visse. Essa visão é reducionista e muito infeliz, sobretudo em face da importância que seu evangelho acabar por lhe restaurar, equiparando-se, por exemplo, ao Evangelho de João.

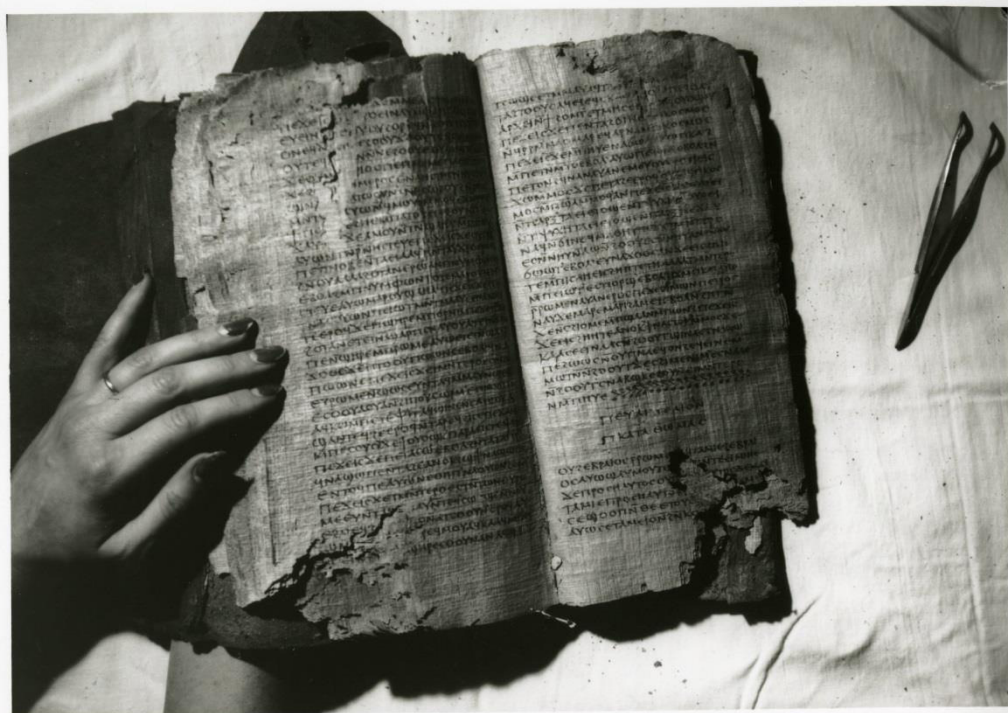
Além disso, estudos como este tem a possibilidade de inspirar novas pesquisas nessa área, sobretudo em relação aos textos da Biblioteca de Nag Hammadi em conexão com a tradição cristã dos primeiros séculos, ampliando o que aqui foi iniciado, por exemplo. Um cientista das religiões deve ter esse foco e interesse permanentes na busca por esclarecimentos e repostas. Por fim, o estudo pode despertar o interesse de pessoas que ainda não conheçam esse evangelho, contribuindo também para sua divulgação fora dos muros da academia.

APÊNDICE

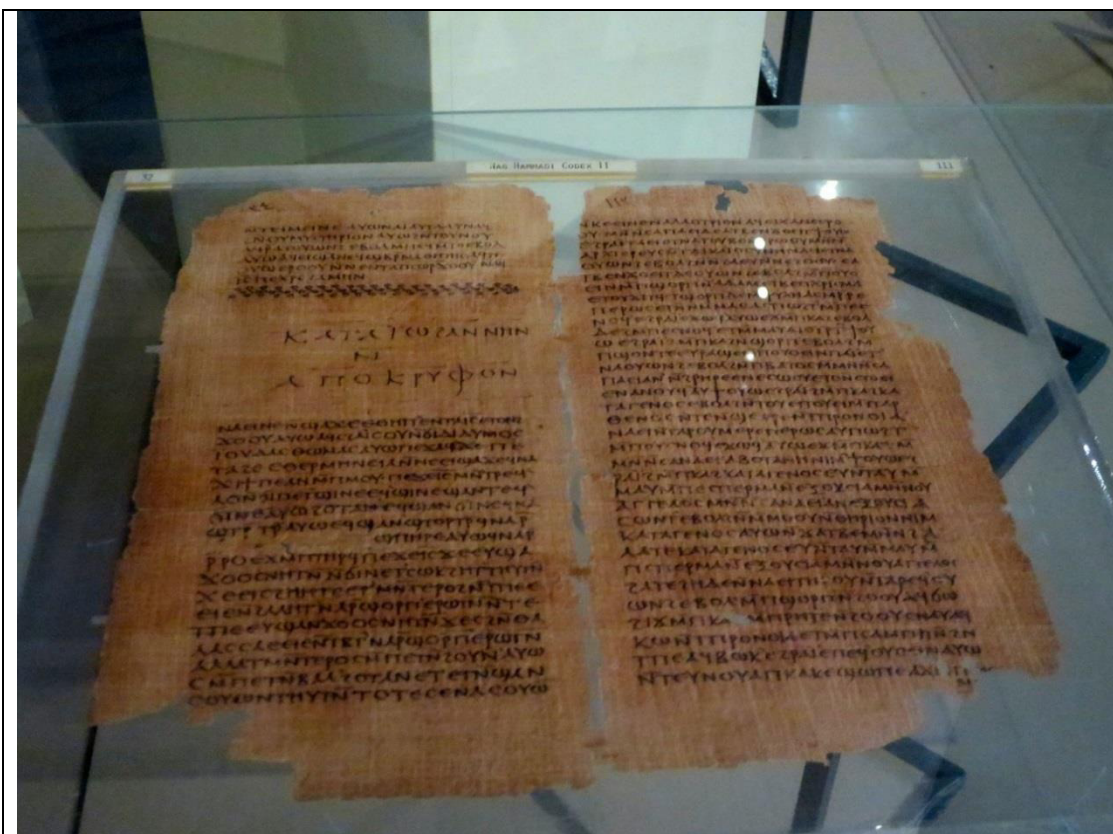
Documentos



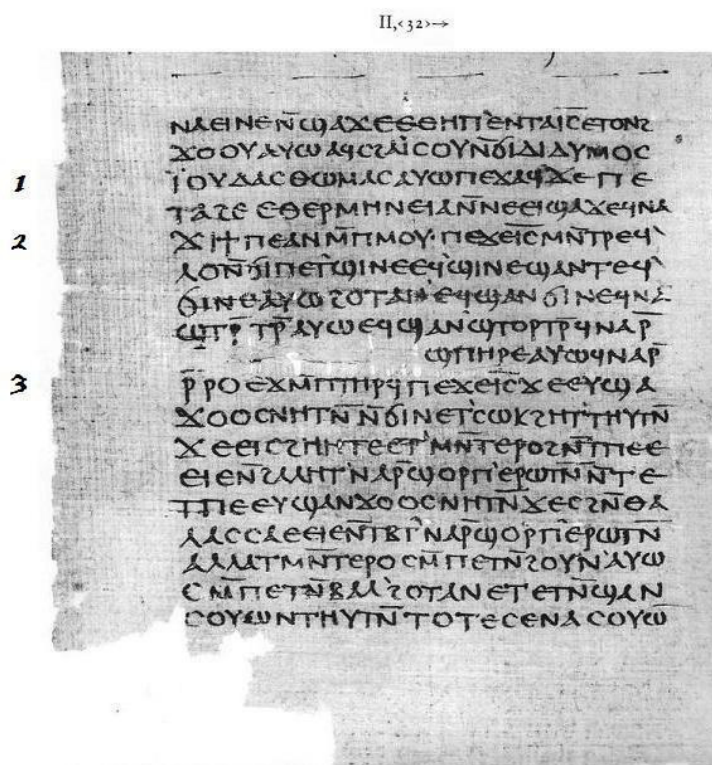
Coleção dos códices da Biblioteca Copta de Nag Hammadi



Páginas finais do Evangelho de Tomé



Manuscrito copta do Evangelho de Tomé, no Museu Copta do Cairo, Egito.



Manuscrito do Evangelho de Tomé. Lógios 1-3

REFERÊNCIAS

- BRUCE, F.F. **O cânon das escrituras**. São Paulo: Hagnos, 2011.
- BECKWITH, R.T. O cânon do Antigo Testamento. In: COMFORT, Philip Wesley. **A origem da Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.
- CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? quem mudou a Bíblia e por quê?** 2ª ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2015.
- FIGUEIREDO, Nestor. O Evangelho De Tomé, seu contexto de emergência e o paradigma hermenêutico. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 03-33, 2017.
- GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LAYTON, Bentley. **As escrituras Gnósticas**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.
- LIMA, Anderson de Oliveira. O misticismo do Evangelho de Tomé. **Oráculo**, v. 8, n. 13, p. 71-91, 2012.
- MARCONCINI, Benito. **Os evangelhos sinóticos**. 5ª ed. – São Paulo: Paulinas, 2012.
- MEYER, Marvin. **Mistérios gnósticos: as novas descobertas**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- PAGELS, Elaine. **Além de toda crença: o Evangelho de Tomé**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PAGELS, Elaine. **Os evangelhos gnósticos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- REIS, Ana Isa dos. **Culto de Tomé: origem, manifestações, relevância e consequências**. 2006, 64p. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
- ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. 3ª ed. São Paulo: Madras, 2014.
- THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- POTESTA, Gian Luca; VIAN, G. *História do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2013.